

+ Responder Tópico

▼ Página 1 de 3 1 2 3 > Última >>

LinkBack ▼ Opções do Tópico ▼ Mostrar ▼

5

23-03-2011 23:15

#1

Truman

Membro

THE END.

Registro: May 2008
Mensagens: 4.825
Verdinhas: 510

O movimento anti-escola e a educação domiciliar

Eu vou aproveitar a criação do tópico para indicação de materiais sobre os dois assuntos, inclusive aqueles que não se encontram traduzidos para o português (quem tiver alguma indicação por favor ajude colaborando). Recentemente eu tive a oportunidade de pesquisar o John Taylor Gatto (que escreveu livros e deu várias entrevistas sobre o tema), o blog "School Sucks" * (que tem vários podcasts interessantes em inglês e também aborda o movimento anti-escola), e hoje encontrei este blog de Portugal sobre a educação domiciliar (homeschooling) **:

* <http://www.schoolsucksproject.com/>

** <http://aprendersemescola.blogspot.com/>

A maior parte dos pais manda os filhos para a escola sem saber que tem o direito de os educar em casa. Em Portugal, como em vários outros países, o ensino doméstico é legal, definido como "aquele que é lecionado no domicílio do aluno, por um familiar ou por pessoa que com ele habite".

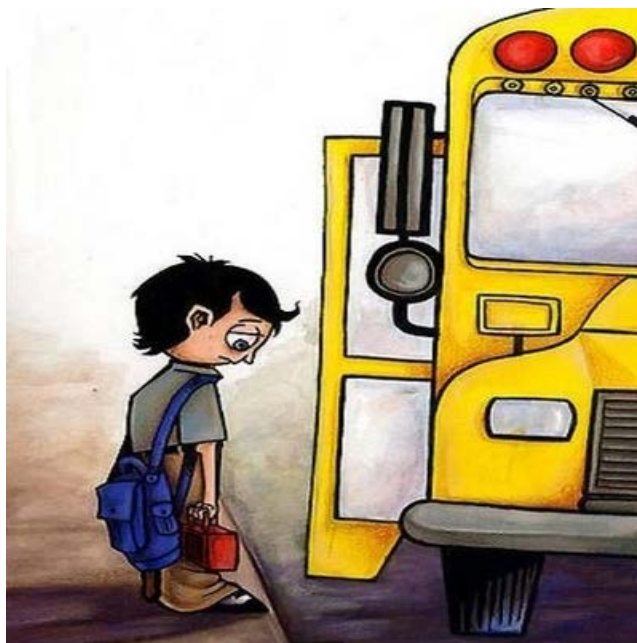
Esse texto por exemplo é do JTG, e é uma tradução livre, do original em inglês disponível aqui: <http://www.lewrockwell.com/orig11/gatto3.1.1.html>

Segue o mesmo:

Discurso de John Taylor Gatto ao receber o prêmio de professor do ano (1990) de Nova Iorque.

Temos aqui a opinião de quem, por esforço e mérito próprios, conseguiu o impensável: formar excelentes alunos nas piores escolas. Mas o sistema acabou levando a melhor sobre ele, forçando-o, no fim das contas, a se aposentar do sistema público.

Neste discurso, Gatto nos dá o que os anos de experiência lhe ensinaram: o modelo da educação pública (que é, afinal, também o modelo da educação privada, seja por cópia ou imposição) é intrinsecamente falho, muitas vezes destruindo o potencial do aluno ao invés de estimulá-lo. Em matéria de despreparar e alienar os jovens da realidade do trabalho e da vida social, a escola só perde para um outro fator: a televisão. E adivinhe em que duas atividades os jovens americanos passavam a maior parte de seu tempo?



Por quê as escolas não educam

John Taylor Gatto

Spoiler:

Eu aceito este prêmio em nome de todos os ótimos professores que conheci através dos anos que lutaram pra fazer com que suas experiências com crianças fossem honradas, homens e mulheres que nunca foram complacentes, sempre questionando, sempre brigando pra definir e redefinir o que a palavra "educação" deveria significar. Um "Professor do Ano" não é o melhor professor que temos por aí, essas pessoas são muito reservadas para serem descobertas de maneira simplista, mas é um estandarte, símbolo dessas pessoas que passam a vida com boa vontade à serviço das crianças. Este prêmio é deles assim como é meu.

Nós vivemos num tempo de grande crise escolar. Nossas crianças estão lá embaixo no ranking de 19 nações industriais em leitura, escrita e aritmética. Lá embaixo mesmo. A economia entorpecente deste mundo é baseada no nosso próprio consumo de mercadorias, se não compramos tantos "sonhos em pó" o mundo dos negócios entraria em colapso - e escolas são importantes pontos de venda. Nossa taxa de suicídio entre jovens é uma das maiores do mundo e crianças suicidas são crianças ricas na maior parte, não as pobres. Em Manhattan 50% de todos os novos casamentos duram menos de 5 anos. Então algo está errado, com certeza.

Nossa crise escolar é um reflexo desta grande crise social. Parece que perdemos nossa identidade. Crianças e idosos são encerrados e trancados longe do mundo dos negócios a um nível sem precedentes - ninguém fala mais com elas e sem crianças e idosos se misturando no cotidiano uma comunidade não tem mais futuro e passado, somente um presente contínuo.

Na verdade, o nome "comunidade" dificilmente se aplica ao modo que interagimos uns com os outros. Vivemos em redes, não comunidades, e todo mundo que eu conheço está solitário por conta disso. De maneira estranha a escola é protagonista nesta tragédia da mesma forma que é o astro principal na ampliação da culpa entre as classes sociais.

Utilizando a escola como um mecanismo de triagem parecemos estar no caminho de criar um sistema de castas, completo com intocáveis que vagueiam através de metrô mendigando e dormindo nas ruas.

Eu notei que esse é um fenômeno fascinante em meus 25 anos de ensino - que escolas e educação escolar são cada vez mais irrelevantes para as grandes corporações deste planeta. Ninguém mais acredita que cientistas são treinados em aulas de ciências ou políticos em aulas de educação cívica ou poetas em aulas de Inglês.

A verdade é que escolas realmente não ensinam nada, exceto a obedecer ordens. Este é um grande mistério pra mim porque milhares de pessoas, preocupadas e que trabalham em escolas como professores e assistentes e administradores, exceto pela lógica abstrata desta instituição oprime suas contribuições individuais. Embora professores se preocupem e trabalhem duro, a instituição é psicopática - não tem consciência. Toca uma campainha e um jovem no meio da escrita de um poema deve fechar o caderno e passar para um sala diferente onde ele deve memorizar que o homem e os macacos derivam de um ancestral comum.

A nossa forma de ensino obrigatório é uma invenção do estado de Massachusetts por volta de 1850. Resistiu - às vezes com armas de fogo - estima-se que por 80% da população de Massachusetts, o último posto avançado em Barnstable em Cape Cod, sem entregar suas crianças até os anos 1880 quando a área foi tomada pela milícia e as crianças marcharam para a escola sob guarda.

Agora temos aqui uma ideia curiosa para ponderar. O gabinete do senador Ted Kennedy divulgou um documento não muito tempo atrás, alegando que antes da escolaridade obrigatória, a taxa de alfabetização do estado era de 98% e depois dela nunca voltaram a atingir o valor acima de 91% onde permanece no ano de 1990. Espero que esse dado lhe interesse.

Aqui vai outra curiosidade a se pensar. O movimento de educação escolar em casa, discretamente, cresceu para uma dimensão onde um milhão e meio de jovens estão sendo educados inteiramente por seus próprios pais. No mês passado, a imprensa do ministério de educação deu a notícia surpreendente que as crianças escolarizadas em casa parecem estar cinco ou mesmo dez anos à frente de seus colegas formalmente treinados em sua capacidade de pensar.

Eu não acho que vamos nos livrar tão cedo da escola, certamente não no meu tempo de vida, mas se vamos mudar o que está rapidamente se tornando um desastre de ignorância, precisamos entender que a instituição escolar, "ensina" muito bem, mas não "educa" - que é inerente à concepção da coisa. Não é culpa dos maus professores, ou muito pouco dinheiro gasto, é simplesmente impossível para a educação e escolaridade serem a mesma coisa.

As escolas foram concebidas por Horace Mann e Barnard Sears e Harper, da Universidade de Chicago e Thorndyke da Columbia Teachers College e alguns outros homens a serem instrumentos da gestão científica de uma população em massa. As escolas são destinadas à produção através da aplicação de fórmulas, seres humanos "formulados" cujo comportamento pode ser previsto e controlado.

À uma enorme extensão, as escolas conseguem fazer isso. Mas a nossa sociedade está se desintegrando, e em tal sociedade, as únicas pessoas de sucesso são auto-suficientes, confiantes e individualistas - porque a vida da comunidade que protege os dependentes e os fracos está morta.

Os produtos de escolaridade são, como eu disse, irrelevantes. Pessoas bem escolarizadas são irrelevantes. Elas podem vender filmes e lâminas de barbear, empurrar o papel e falar no telefone, ou sentar-se irracionalmente perante um terminal de computador piscando, mas como seres humanos elas são inúteis. Inúteis para os outros e inúteis para si mesmas.

A miséria diária em torno de nós é, penso eu, em grande parte causada pelo fato de que - como Paul Goodman observou 30 anos atrás - nós forçamos as crianças a crescerem absurdas. Qualquer reforma na educação tem de lidar com os seus absurdos.

É um absurdo e algo anti-vida fazer parte de um sistema que te obriga a sentar-se em confinamento com pessoas de exatamente a mesma idade e classe social. Esse sistema consegue alienar-nos da imensa diversidade da vida e da sinergia de vários, na verdade ele o corta fora de seu próprio passado e futuro, escalando você a um presente contínuo da mesma forma que a televisão faz.

É um absurdo e contra-a-vida fazer parte de um sistema que te obriga a ouvir a leitura de uma poesia por um estranho quando você quer aprender a construir edifícios, ou sentar-se com um estranho discutindo a construção de edifícios, quando você quer ler poesia.

É um absurdo e anti-vida passar de uma salinha para outra, ao som de um gongo em todos os

dias da sua juventude natural em uma instituição que não permite privacidade e que mesmo te segue no santuário da sua casa exigindo que você faça o seu "dever de casa".

"Como eles vão aprender a ler?" alguém irá perguntar e a minha resposta é "Lembre das aulas de Massachusetts." Quando damos às crianças a vida inteira ao invés de graduações de acordo com a idade em "celas escolares", elas aprendem a ler, escrever, e fazer contas com facilidade se essas coisas fazem sentido no tipo de vida que se desenrola ao seu redor.

Mas lembre-se que nos Estados Unidos quase ninguém que lê, escreve ou faz contas é bem respeitado. Somos uma terra de falantes, pagamos muito aos locutores e admiramos muito todos eles, então nossas crianças falam constantemente, seguindo modelos públicos da televisão e professores da escola. É muito difícil ensinar o "básico" agora, porque essas coisas não são mais fundamentais para a sociedade que nós fizemos.

Duas instituições neste momento controlam a vida das nossas crianças - a televisão e a educação, nessa ordem. Ambos reduzem o mundo real da sabedoria, coragem, moderação e justiça a uma interminável e ininterrupta abstração.

Em séculos passados, o tempo da criança e do adolescente seria ocupado no trabalho real, verdadeiras caridades, aventuras reais, e a busca realista por mentores que possam te ensinar o que você quer realmente aprender. Uma grande parte do tempo era gasto em atividades da comunidade, praticando o afeto, se encontrando e estudando cada nível da comunidade, aprendendo como fazer uma casa, e várias outras tarefas necessárias pra se tornar um homem ou mulher completos.

Mas aqui vai o cálculo de tempo que as crianças que ensino devem lidar:

Fora das 168 horas em cada semana, meus filhos dormem 56. Isso deixa 112 horas por semana, dos quais devem "se construir".

Meus filhos assistem 55 horas de televisão por semana de acordo com relatórios recentes. Isso os deixa 57 horas por semana livres para "crescer".

Os meus filhos frequentam a escola 30 horas por semana, usam cerca de 6 horas se aprontando, indo e voltando para casa, e gastam uma média de 7 horas por semana em deveres de casa - um total de 45 horas.

Durante esse tempo, eles estão sob constante vigilância, não têm tempo ou espaço reservados, e são disciplinados, se tentarem fazer valer a individualidade no uso do tempo ou espaço.

Isso deixa 12 horas por semana pra se criar uma consciência única. Claro, meus filhos comem, o que leva algum tempo - não muito, porque eles perderam a tradição de jantar reunidos com a família, mas se colocamos 3 horas por semana para jantas, chegamos a um valor líquido de cada momento particular por criança de 9 horas.

Não é o suficiente. Não é suficiente, né? O quanto mais rico é o garoto, claro, menos ele assiste televisão, mas o tempo dele também é igualmente restrito, devido a uma série de opções de entretenimentos comerciais assim como suas inevitáveis tarefas de uma série de lições privadas em áreas onde raramente ele teve uma escolha própria.

E estas coisas são estranhamente apenas uma forma mais estética para criar seres humanos dependentes, incapazes de preencher as suas próprias horas, incapazes de iniciar linhas de sentido para dar substância e prazer à sua existência.

É uma doença nacional, esta dependência e falta de rumo, e eu acho que a escola e a televisão e as lições - a idéia de Chautauqua inteira - tem muito a ver com isso.

Pense nas coisas que estão nos matando como uma nação - drogas, a concorrência sem cérebro, sexo recreativo, a pornografia da violência, jogatina, álcool, e a pior pornografia de todas - a vida dedicada a comprar as coisas, a acumulação como uma filosofia - todas eles são vícios de personalidades dependentes, e é isso que a nossa insígnia de "escolaridade" deve inevitavelmente

produzir.

Eu quero dizer a vocês qual o efeito sobre as crianças ao se tirar todo o tempo delas - tempo que precisam pra crescer - e as forçar a perder tempo com abstrações. Vocês precisam ouvir isso, porque qualquer reforma que não ataque essas patologias específicas será nada mais que uma fachada.

1. As crianças que eu ensino são indiferentes ao mundo adulto. Isso vai contra a experiência de milhares de anos. Um estudo minucioso do que as pessoas grandes foram sempre foi a ocupação mais excitante dos jovens, mas ninguém quer crescer esses dias e quem pode culpá-los? Os brinquedos somos nós.

2. As crianças que eu ensino não têm quase nenhuma curiosidade e a que eles têm é transitória, pois eles não conseguem se concentrar por muito tempo, mesmo em coisas que escolhem fazer. Você consegue perceber uma ligação entre os sinos tocando de novo e de novo pra que se troque de classe e este fenômeno de atenção evanescente/efêmero?

3. As crianças que eu ensino têm um sentido pobre do futuro, de como o amanhã está indissolivelmente ligada ao hoje. Como eu disse antes, eles têm um presente contínuo, o momento exato em que eles estão é o limite da sua própria consciência.

4. As crianças que eu ensino são não-históricas, elas não têm noção de como seu passado predestinou seu próprio presente, limitando suas escolhas, moldando seus valores e vidas.

5. As crianças que eu ensino são cruéis umas às outras, falta-lhes compaixão para com o infortúnio, elas riem de fraquezas, e tem desprezo pelas pessoas cuja necessidade de ajuda é demonstrada muito claramente.

6. As crianças que eu ensino estão inquietas com a intimidade e franqueza. Meu palpite é que elas são como muitas pessoas adotadas que eu conheço a esse respeito - não podem lidar com a intimidade verdadeira por conta do hábito ao longo da vida de preservar um segredo íntimo dentro de uma grande personalidade exterior feita de bits e peças artificiais de comportamentos emprestados da televisão ou adquiridos para manipular os professores.

Devido a eles não serem quem representam ser o disfarce é estreito na presença da intimidade, então relacionamentos íntimos devem ser evitados.

7. As crianças que eu ensino são materialistas, seguindo o exemplo dos professores que de maneira também materialista dão "notas" à tudo - e mentores da televisão que oferecem tudo no mundo de forma gratuita.

8. As crianças que eu ensino são dependentes, passivas e tímidas na presença de novos desafios. Isto é freqüentemente mascarado por uma bravata superficial, ou por raiva ou agressividade, mas por baixo de tudo há um vácuo sem coragem.

Eu poderia citar algumas outras condições que a reforma escolar teria de enfrentar se o nosso declínio nacional está para ser encarcerado, mas se chegou até aqui você terá entendido a minha tese, independente de concordar com ela ou não.

Ou escolas causaram essas patologias, ou a televisão, ou ambos. É uma simples questão [de] aritmética, entre a escola e a televisão, todo o tempo que as crianças tem de sobra é devorado. Isso é o que tem destruído a família americana, não é mais um fator na formação de seus próprios filhos. Televisão e escolaridade, em uma dessas duas coisas é que o problema reside.

O que pode ser feito? Primeiro precisamos de um debate feroz nacional que não seja tirado de pauta, dia após dia, ano após ano. Precisamos gritar e discutir sobre esse negócio da escola até que seja corrigido ou quebrado além de qualquer conserto, um ou outro.

Se pudermos corrigí-lo, tudo bem, se não podemos, então, o sucesso da educação em casa mostra um caminho diferente e que realmente promete. Investindo os recursos que agora investimos em

educação familiar pode matar dois pássaros com uma mesma pedra, reparar as famílias, uma vez que reparamos as crianças.

Uma reforma genuína é possível, mas não deve custar nada. Precisamos repensar as premissas fundamentais da escolaridade e decidir o que é que queremos todas as crianças a aprender e por quê.

Por 140 anos, esta nação tem tentado impor objetivos para baixo do centro de comando compostos por "especialistas", uma elite central de engenheiros sociais. Não funcionou. Não vai funcionar.

E isso é uma traição bruta da promessa democrática que uma vez fez dessa nação um experimento nobre. A tentativa da Rússia em criar a república de Platão na Europa Oriental explodiu ante os [nossos] olhos, a nossa própria tentativa de impor o mesmo tipo de ortodoxia central, utilizando as escolas como um instrumento também está vindo a arrebentar pelas costuras, embora mais lenta e dolorosamente.

Isso não funciona porque as suas premissas fundamentais são mecânicas, anti-humanas, e hostis à vida familiar. Vidas podem ser controladas pela educação automática, mas elas sempre irão lutar com armas de patologia social - drogas, violência, auto-destruição, indiferença, e os sintomas que eu vejo nas crianças que eu ensino.

Última edição por Truman : 24-03-2011 às 9:33



23-03-2011 23:15

Publicidade

hardMOB

Publicidade

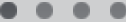
23-03-2011 23:16

#2

Truman

Membro

Autor do tópico



THE END.

Registro: May 2008

Mensagens: 4.825

Verdinhas: 510



Spoiler:

É hora de nós olharmos para trás para recuperar uma filosofia educacional que funcione. Uma que eu gosto particularmente bem foi uma favorita das classes dominantes da Europa há milhares de anos. Eu uso tanto dela como eu pude ao gerenciar minhas aulas, tanto quanto, ou seja, o quanto eu posso fugir da presente instituição da escolaridade obrigatória. Eu acho que funciona tão bem para as crianças pobres como para as ricas.

No centro deste sistema de elite da educação reside a crença de que o auto-conhecimento é a única base do verdadeiro conhecimento. Em todo este sistema, em cada idade, você vai encontrar formas de colocar a criança sozinha em um ambiente descontrolado com um problema para resolver.

Às vezes o problema está repleto de grandes riscos, como o problema do galope de um cavalo ou fazê-lo saltar, mas que, naturalmente, é um problema resolvido com sucesso por milhares de crianças da elite antes da idade de dez anos.

Você pode imaginar alguém que tinha vencido este tipo de desafio ter falta de confiança em sua capacidade de fazer alguma coisa? Às vezes o problema é o problema de dominar a solidão, como fez Thoreau no lago Walden, ou Einstein fez na alfândega suíça.

Um dos meus ex-alunos, Roland Legiardi-Lura, embora ambos os seus pais foram mortos e ele não tivesse herança, andou de bicicleta pelos Estados Unidos quando ele estava quase além da infância. É de admirar então que, na idade adulta, quando ele decidiu fazer um filme sobre a Nicarágua, embora ele não tivesse dinheiro e nenhuma experiência prévia com cinema, que foi premiado internacionalmente - mesmo que seu trabalho regular era o de um carpinteiro.

Agora nós estamos tomando todo o tempo dos nossos filhos que eles precisam para desenvolver o auto-conhecimento. Isso tem que parar. Temos de inventar experiências escolares que dão um monte desse tempo em retorno, temos de confiar em crianças de uma idade muito precoce com estudo independente, talvez organizados na escola, mas que acontece fora do ambiente institucional. Precisamos inventar um currículo, onde cada criança tem a oportunidade de desenvolver habilidades únicas e auto-confiança.

Pouco tempo atrás, eu peguei 70 dólares e enviei a uma menina de 12 anos de minha sala com a mãe dela que não fala Inglês em um ônibus ao longo da costa de Nova Jersey para levar o chefe de polícia de Sea Bright para almoçar e pedir desculpas por poluir [sua praia] com uma garrafa de Gatorade descartável.

Em troca desse pedido público de desculpas eu tinha combinado com o chefe de polícia para que a menina tivesse um dia de aprendizado em uma pequena cidade de procedimentos policiais. Poucos dias depois, mais dois dos meus filhos de 12 anos viajaram sozinhos para o West First Street do Harlem, onde começaram um período de aprendizagem com um editor de jornal. Na semana seguinte, três dos meus filhos irão encontrar-se no meio dos pântanos de Jersey às 6 da manhã, estudar a mente de um presidente da empresa de caminhões à medida que ele despacha alguns para Dallas, Chicago e Los Angeles.

São essas crianças "especiais" em um programa "especial"? Bem, em certo sentido, sim, mas ninguém sabe sobre este programa, além das crianças e eu. Elas são apenas crianças agradáveis do Central Harlem, brilhantes e alertas, mas tão mal "escolarizadas" quando vieram para mim que a maioria deles não sabia adicionar ou subtrair com qualquer fluência. E nenhum sabia a população de Nova York ou o quão distante é de NY para a Califórnia.

Isso me preocupa? Claro, mas estou confiante de que, à medida que eles ganham auto-conhecimento também vão se tornar auto-professores - e só o auto-aprendizado tem qualquer valor duradouro.

Nós temos que dar às crianças tempo independente de imediato, porque essa é a chave para o auto-conhecimento, e devemos voltar a envolvê-las com o mundo real o mais rápido possível para que o tempo independente possa ser gasto em outra coisa além de abstração. Esta é uma emergência, que exige medidas drásticas para ser corrigida - nossos filhos estão morrendo como moscas na escola, bom nível de escolaridade ou escolaridade ruim, é tudo a mesma coisa. Irrelevante.

O que mais precisa um sistema reestruturado escolar? Ele precisa parar de ser um parasita da comunidade de trabalho. De todas as páginas do livro de feitos humanos, somente nossa parte sobre torturas contém crianças mantidas em casa e nada é solicitado à elas à serviço do interesse geral.

Por um tempo eu acho que nós precisamos fazer com que serviços comunitários sejam algo obrigatório do aprendizado. Além da experiência em atuar de maneira altruísta que isso vai ensinar, é o caminho mais rápido para dar a crianças a responsabilidade real na corrente da vida.

Por cinco anos eu gerenciei um programa de guerrilha onde eu tinha todas as crianças, ricas e pobres, inteligentes e entorpecidas, dedicadas a 320 horas por ano de serviço comunitário rígido.

Dezenas dessas crianças voltaram para mim anos mais tarde, crescidas, e me disseram que uma experiência de ajudar alguém mudou suas vidas. Ela os ensinou a ver tudo de novas maneiras, a repensar objetivos e valores.

Foi o que aconteceu quando eles eram 13, no meu programa Laboratorial na escola - só foi

possível porque o meu distrito escolar, favorecido financeiramente, estava em caos. Quando a "estabilidade" se fez presente mais uma vez, o laboratório foi fechado. Foi muito bem sucedido com um grupo muito misturado de crianças, a um custo muito pequeno, para ser autorizado a continuar. Fizemos os programas mais caros parecerem ruins.

Não há falta de problemas reais na cidade. Crianças podem ser feitas para ajudar a resolvê-los em troca de respeito e atenção do mundo adulto total. Bom para as crianças, bom para todo o resto de nós. Isso é currículo que ensina Justiça, uma das quatro virtudes cardinais em cada sistema de ensino de elite.

O que é o tempero para ricos e poderosos é certamente tempero para o resto de nós - e mais, a idéia é absolutamente gratuita assim como todas as outras reformas genuínas na educação. Dinheiro extra e pessoal extra colocado nesta instituição doente só a tornará ainda mais doente.

Independente de estudo, serviço à comunidade, aventuras em experiências, grandes doses de privacidade e solidão, mil estágios diferentes, a variedade de um dia ou mais - estas são todas as formas poderosas, baratas e eficazes para iniciar uma verdadeira reforma do ensino.

Mas nenhuma reforma em grande escala irá funcionar para reparar nossas crianças e sociedade danificadas até que seja forçada a idéia de "escola" aberta - para a inclusão da família como o principal motor da educação.

Os suecos perceberam que, em 1976, quando efetivamente abandonaram o sistema de adoção de crianças não desejadas e em vez disso dedicaram o tempo e tesouro nacionais em reforçar a família de origem, para que as crianças suecas fossem mais queridas.

Eles não conseguiram totalmente, mas tiveram sucesso em reduzir o número de crianças indesejadas suecas de 6000, em 1976, para 15 em 1986. Assim pode ser feito. Os suecos só tem cansado de pagar os destroços sociais causados por crianças que não são cobradas por seus pais naturais que eles fizeram alguma coisa. Nós podemos, também.

A família é o principal motor da educação. Se usarmos a escolaridade para afastar as crianças dos pais - e não se enganem, esta tem sido a função central das escolas desde que John Cotton anunciou como propósito da Colônia Bay de escolas em 1650 e Horace Mann anunciou o objetivo das escolas de Massachusetts em 1850 - vamos continuar a ter o show de horror que temos agora.

O currículo da família está no coração de qualquer vida boa, e nos distanciamos desse currículo, então é hora de voltar à ele. O caminho para a sanidade em educação é para as nossas escolas assumirem a liderança em liberar o estrangulamento das instituições na vida familiar, para promover durante o período escolar confluências de pais e filhos que irão fortalecer os laços familiares.

Esse era o meu verdadeiro propósito de enviar a menina e sua mãe na costa de Jersey para encontrar o chefe da polícia. Eu tenho muitas idéias para fazer um currículo familiar e meu palpite é que muitos de vocês têm muitas idéias, também, uma vez que vocês começaram a pensar nisto.

Nosso maior problema em conseguir o tipo de pensamento de base que poderia ir em frente e reformar o ensino é que temos grandes interesses no pré-esvaziamento de todo o tempo no ar e lucrando com a escolaridade exatamente como ela é, apesar da retórica em contrário.

Temos de exigir que novas vozes e novas idéias consigam uma audiência, as minhas idéias e as suas. Nós todos tínhamos a barriga cheia de vozes autorizadas mediadas pela televisão e pela imprensa - uma longa década livre para debater é o que chamamos agora, não mais opiniões de "experts". Especialistas em educação nunca tem sido corretos, suas "soluções" são caras, auto-servientes, e sempre envolvem uma maior centralização. Já chega. É hora para que voltemos à democracia, individualidade e à família. Eu disse o que tinha pra dizer. Obrigado.

"As crianças não são animais de estimação para serem domesticadas; não são barro para moldar, não são computadores para programar e, acima de tudo, não são vasos para se encher." - Alfie Khon

"As nossas escolas transformaram-se em fábricas enormes para a produção de robôs. Nós já não mandamos os nossos filhos para a escola para serem ensinados e para que lhes sejam dadas ferramentas para pensar; nem sequer para serem informados ou adquirirem conhecimentos, mas para serem "socializados" - o que, na semântica atual significa serem submetidos ao sistema e forçados a se conformar." - Robert Lindner, (1956)

"Digo-vos, antes de mais, não deixem que as vossas casas se tornem cópias em miniatura das escolas. Não façam planos de aulas nem testes, não façam avaliações nem relatórios! Até deixarem os vossos filhos em paz e sossego seria melhor; pelo menos descobririam algumas coisas eles mesmos. Vivam juntos tão bem quanto puderem, e gozem a vida tanto quanto puderem." - John Holt

"Não acredito no currículo, não acredito em notas, não acredito em avaliações feitas por professores. Acredito em crianças aprendendo, com o nosso apoio e encorajamento, as coisas que elas querem aprender, quando as querem aprender, da forma como as querem aprender e porque as querem aprender." - John Holt

"A universidade ideal não teria formalizado sistemas de créditos nem disciplinas obrigatórias. Seria uma espécie de retiro educacional onde as pessoas poderiam explorar várias disciplinas, descobrir quem são, os seus verdadeiros interesses, e apreciar o prazer de aprender e a preciosidade da vida." - Abraham Maslow

"Aprendemos para obter uma recompensa ou para evitar um castigo. Aprendemos a fazer qualquer coisa para ganhar a vida. Mas agora pergunto: há outro tipo de aprendizagem? Vocês têm de ir trabalhar para a fábrica ou para o escritório todos os dias das vossas vidas. Levantem-se às 6 horas, vão para o trabalho e depois trabalham, trabalham, um trabalho rotineiro, durante cinquenta anos, dão chutes e pontapés, são insultados, mas continuam devotos ao sucesso. Essa é uma vida monstruosa. E é para isto que estamos educando os nossos filhos?" - Krishnamurti

Outra coisa que ele comenta é que não deixa de ser irônico que não emprestamos nossos objetos pessoais pros outros mas damos de mão beijada nossos próprios filhos pra estranhos moldarem seu caráter.

Porque a função do Estado em si (e esse sistema de ensino compulsório surgiu do interesse em manipular as massas a engolirem a religião, isso vários séculos lá atrás, pelo que eu pesquisei) é manter a todos nós sem identidade.

Porque jogam em cima da gente um nome, filiação, passado (que nunca contestamos), depois, viramos apenas cidadãos, contribuintes, eleitores...

Mas nunca nós mesmos. 😊

A escola só nos ensina a respeitar a autoridade, nos prepara pro mercado de trabalho como bons capachos.

Podem ver que a maioria dessas pessoas são fracas de cabeça, fracas do coração e da mente, que se desiludiram com o mundo comum e materialista, mas... se conformaram!

Daí acham que encontram, na religião, aquele sentido (leia-se poder) que não tem em vida. Não usam os conceitos morais que venham dela, pra fazer algo de bom.

Por isso que líderes religiosos deitam e rolam, espremem e apertam os otários, lhes arrancando desde dinheiro até suas identidades, almas, o que for.

Porque o esquema por trás de tudo isso (especialmente da TV) é destruir sua personalidade e colocar outra no lugar, que seja perfeitamente modelada ao "sistema".

Portanto, pra deixar de ser essa porcaria que você é, você tem que ser aquilo que te mandam ser.

Enfim, a sociedade humana vive disso: da construção e reconstrução de imagens falsas de si mesma. Por isso que ninguém é feliz, já que todo mundo prefere permanecer no conforto da mentira.

23-03-2011 23:34

#3

Truman

Membro

Autor do tópico



THE END.

Registro: May 2008

Mensagens: 4.825

Verdinhas: 510



Mais um da série:

<http://www.spinninglobe.net/againstschool.htm>

Como a educação pública aleija nossas crianças, e o porquê

John Taylor Gatto

Spoiler:

Eu ensinei durante 30 anos em algumas das piores escolas de Manhattan, e em algumas das melhores, e durante este tempo eu me tornei especialista em tédio. O tédio estava em toda a parte em meu mundo, e se você perguntasse às crianças, como eu sempre fazia, por que elas se sentiam tão entediadas, elas sempre davam as mesmas respostas: Diziam que o trabalho era estúpido, que não fazia sentido, que já sabiam.

Elas diziam que queriam fazer algo real, não apenas ficar sentadas por aí. E também que os professores não pareciam saber muito sobre as matérias e obviamente não estavam interessados em aprender mais. E as crianças tinham razão: os professores estavam tão entediados quanto elas.

O tédio é a condição normal dos professores, e qualquer um que passou algum tempo na sala deles pode atestar a baixa energia, as lamúrias, as atitudes cabisbaixas, a serem encontradas por lá.

Quando perguntado o porquê se sentiam entediados, os professores tendiam a culpar as crianças, como você poderia esperar. Quem não se sentiria entediado em ensinar estudantes que fossem rudes e apenas interessados em tirar notas? Se nem isso.

Naturalmente, os professores são eles mesmos produtos dos mesmos programas de 12 anos de escolaridade obrigatória que tanto aborrecem os seus alunos, e como pessoal integrante da escola, eles estão presos dentro de estruturas ainda mais rígidas que aquelas impostas às crianças. Então, quem é o culpado?

Todos nós somos. Meu avô me ensinou isso. Uma tarde, quando eu tinha sete anos, reclamei com ele de tédio, e ele me bateu com força na cabeça.

Me disse que eu nunca deveria usar esse termo na sua presença novamente, que se eu estivesse entediado a culpa seria minha, e de mais ninguém.

A obrigação de me animar e instruir era totalmente minha, e as pessoas que não sabiam disso eram infantis, a serem evitadas se possível. Certamente não confiáveis.

Esse episódio me curou do tédio pra sempre, e aqui e ali ao longo dos anos eu fui capaz de transmitir a lição a alguns estudantes notáveis. Na maior parte, porém, eu achei inútil desafiar a noção oficial de que o tédio e a infantilidade eram estados naturais das coisas na sala de aula. Muitas vezes eu tinha que desafiar os costumes, e até mesmo dobrar a lei, para ajudar as crianças a fugir dessa armadilha.

O império contra-atacou, claro; adultos infantis frequentemente encaram a oposição como deslealdade.

Certa vez eu voltei de uma licença médica para descobrir que todas as provas da mesma ter sido concedida foram destruídas de propósito, que meu trabalho havia sido encerrado, e que eu não mais possuía mesmo uma licença de ensino.

Após nove meses de esforço extenuante consegui recuperar a licença, quando uma secretária da escola admitiu ter assistido ao desenrolar dos acontecimentos.

Entretanto a minha família sofreu mais do que eu gostaria de lembrar. Na época em que me aposentei, em 1991, tinha motivos mais do que suficientes para pensar em nossas escolas com seus longos-períodos, estilo-carcerário, confinamento forçado tanto de professores como estudantes como fábricas virtuais de infantilidade.

No entanto, honestamente eu não entendia porque tinha que ser assim.

Minha própria experiência revelou-me que muitos outros professores devem aprender ao longo do caminho, também, ainda assim, mantem isso pra eles mesmos com medo de represálias: se nós quiséssemos, poderíamos facilmente e de maneira barata abandonar as antigas e estúpidas estruturas, e ajudar as crianças a serem educadas ao invés de receberem apenas uma "escolaridade".

Poderíamos encorajar as melhores qualidades dessa juventude curiosa, aventureira, resiliente, a capacidade de percepção profunda de maneira surpreendente sendo mais flexíveis sobre o tempo, textos e ensaios, apresentando as crianças a adultos verdadeiramente competentes e dando a cada estudante a autonomia que ele ou ela necessita, a fim de assumir um risco de vez em quando.

Mas nós não fazemos isso. E quanto mais eu perguntei por que não, e persisti em refletir sobre o "problema" da escola como um engenheiro poderia, mais eu perdi o foco: E se não há nenhum "problema" com nossas escolas? E se elas são do jeito que são, bastante suntuosas diante do senso comum e longa experiência em como as crianças aprendem as coisas, não porque elas estão fazendo algo errado, mas porque elas estão fazendo algo certo?

É possível que George W. Bush acidentalmente tenha dito a verdade quando disse que não "deixaríamos nenhuma criança para trás"? Será que nossas escolas são projetadas para ter certeza que nenhuma delas realmente cresça?

Nós realmente precisamos da escola? Não me refiro à educação, apenas a escolaridade obrigatória: seis aulas por dia, cinco dias por semana, nove meses por ano, durante 12 anos. Esta rotina mortal é realmente necessária?

E em caso afirmativo, por quê? Não se esconda atrás da leitura, escrita e aritmética como justificativa, pois 2 milhões de felizes educados no próprio lar já colocaram essa justificativa banal de lado.

Mesmo se não o tivessem feito, um número considerável de americanos conhecidos nunca passaram pelos esmagadores 12 anos que as nossas crianças atualmente passam, e elas acabaram se saindo bem.

George Washington, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln?

Alguém lhes ensinou, com certeza, mas eles não foram produtos de um sistema escolar, e nenhum deles jamais foi "graduado" de um ensino médio.

Durante a maior parte da história americana, as crianças geralmente não iam para o ensino médio, mas ainda assim os não-escolarizados se tornaram almirantes, como Farragut; inventores, como Edison; capitães da indústria, como Carnegie e Rockefeller; escritores, como Melville e Conrad e Twain; e até professores, como Margaret Mead.

De fato, até há pouco tempo pessoas que atingiram a idade de 13 anos não eram vistas mesmo como crianças.

Ariel Durant, que co-escreveu uma enorme e muito boa história em multi-volumes do mundo com seu marido, Will, se casou aos 15 anos, e quem poderia afirmar que ela era uma pessoa inculta? Sem escolaridade, talvez, mas não ignorante.

Nós temos sido ensinados (ou seja, educados) neste país a pensar em "sucesso" como sinônimo, ou pelo menos dependente da "escolaridade", mas historicamente isso não é verdadeiro tanto num sentido intelectual como financeiro.

E muitas pessoas em todo o mundo de hoje encontram uma maneira de educar-se sem recorrer a um sistema de escolas de ensino médio obrigatórias que muitas vezes se assemelham a prisões. Por que, então, os americanos confundem educação com esse tipo de sistema? Qual é exatamente o objetivo de nossas escolas públicas?

A escolaridade em massa de natureza obrigatória "cravou seus dentes" nos Estados Unidos entre 1905 e 1915, embora tenha sido concebida há muito tempo e empurrada por quase todo o século 19. A razão dada para essa enorme alteração da vida familiar e das tradições culturais foi, a grosso modo, em três vertentes:

- 1) Para gerar boas pessoas.**

2) Para criar bons cidadãos.

3) Para fazer com que cada indivíduo dê o seu melhor.

Esses objetivos são ainda apregoados hoje regularmente, e a maioria de nós os aceita de uma forma ou de outra como uma definição decente da missão da educação pública, no entanto, escolas de curta duração falham em conseguir tais objetivos.

Mas nós estamos muito errados. Para constituir o nosso erro está o fato de que a literatura nacional contém inúmeras e surpreendentemente consistentes declarações da verdadeira finalidade da escola obrigatória.

Temos, por exemplo, o grande H. L. Mencken, que escreveu no "The American Mercury" em Abril de 1924 que o objetivo da educação pública não é
preencher o jovem da espécie com conhecimento e despertar sua inteligência. ... Nada pode ser mais distante da verdade. O objetivo ... é simplesmente reduzir o maior número de indivíduos o possível a um certo nível de segurança, a criar e treinar um povo padronizado, eliminar a oposição e originalidade. Esse é o objetivo dos Estados Unidos... e esse é o objetivo em qualquer lugar.

Por causa da reputação de Mencken como um satirista, poderíamos ser tentados a tomar essa passagem como um pouco de sarcasmo exagerado.

O seu artigo, contudo, passa a rastrear o modelo para o nosso próprio sistema educativo de volta para o agora desaparecido, mas nunca a ser esquecido, estado militar da Prússia.

E embora ele estivesse certamente consciente da ironia que estivemos recentemente em guerra com a Alemanha, o herdeiro do pensamento e cultura prussianos, Mencken estava sendo perfeitamente sério aqui. Nosso sistema educacional é realmente de origem prussiana, e isso é mesmo motivo de preocupação.

O estranho fato da origem prussiana das nossas escolas reaparece sempre, uma vez que você saiba olhar pra ela.

William James fez alusão a isso muitas vezes na virada do século. Orestes Brownson, o herói do livro de Christopher Lasch de 1991, "The True and Only Heaven", foi a público denunciar a prussianização das escolas americanas por volta de 1840.

O "Sétimo Relatório Anual" ("Seventh Annual Report"), de Horace Mann, para o "Massachusetts State Board of Education" em 1843 é essencialmente uma ode à terra de Frederico, o Grande, e uma chamada para a sua "escolaridade" ser trazida para cá.

Que a cultura da Prússia teve grande importância nos Estados Unidos é dificilmente surpreendente, dada a sua associação com esse estado utópico.

Um prussiano serviu como assistente de Washington durante a Guerra Revolucionária, e tantas pessoas de língua alemã se estabeleceram aqui por volta de 1795 que o Congresso considerou a publicação de uma edição em língua alemã das leis federais.

Mas o que choca é que tão avidamente adotamos um dos piores aspectos da cultura da Prússia: um sistema educativo deliberadamente concebido para produzir mediócras intelectos, para limitar a vida interior, para negar aos estudantes as habilidades desejáveis de liderança, e para garantir dóceis e incompletos cidadãos, a fim de tornar a população "administrável".

Foi a partir de James Bryant Conant, presidente de Harvard por 20 anos, especialista da Primeira Guerra Mundial em gás venenoso, executivo da Segunda Guerra Mundial no projeto da bomba atômica, alto comissário para a zona americana na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, e realmente uma das figuras mais influentes do século 20, que "recebi" a primeira "brisa" dos propósitos reais da "escolaridade" americana.

Sem Conant, provavelmente não teríamos o mesmo estilo e nível de testes padronizados que temos hoje, nem seríamos abençoados com gigantescas escolas de ensino médio que abrigam de 2.000 a 4.000 alunos de cada vez, como a famosa "Columbine High", em Littleton, Colorado.

Pouco tempo depois que me aposentei do ensino, eu peguei o extenso ensaio em livro de Conant (datado de 1959), "The Child the Parent and the State", e fiquei mais do que um pouco intrigado ao vê-lo mencionar de passagem que as escolas modernas que frequentamos foram o resultado de uma "revolução" orquestrada entre 1905 e 1930.

Uma revolução? Ele se recusa a elaborar, mas direciona os curiosos e mal informados para o livro de Alexander Inglis de 1918, "Principles of Secondary Education" ("Princípios do Ensino Médio"), em que "se vê esta revolução através dos olhos de um revolucionário."

Inglis, que tem uma palestra em Harvard em seu nome, deixa perfeitamente claro que a escolaridade obrigatória neste continente era para ser apenas o que foi para a Prússia nos anos de 1820: uma quinta coluna para o crescente movimento democrático que ameaçava dar aos camponeses e os proletários uma voz na mesa de negociação.

A escolaridade moderna, industrializada e obrigatória era para fazer um tipo de incisão cirúrgica na unidade em potencial dessas classes baixas.

Divida as crianças por assunto, por classificação etária, por notas constantes nos testes, e por muitos outros meios mais sutis, e era improvável que a massa ignorante dos homens, separados na infância, jamais iria voltar a integrar um conjunto perigoso.

Inglis separa o objetivo - o real objetivo - da escola moderna, em seis funções básicas, qualquer uma delas suficiente para arrepiar o cabelo de quem for inocente o suficiente para acreditar nos três objetivos referidos anteriormente:

1) A função de ajustamento ou adaptação. Escolas estão estabelecendo hábitos fixos de reação à autoridade. Isto, é óbvio, evita completamente o pensamento crítico.

Ele também destrói basicamente a idéia de que o material útil e interessante deve ser ensinado, porque você não pode testar a obediência reflexiva até você saber se pode fazer as crianças aprenderem, e a fazerem, coisas tolas e aborrecidas.

2) A função de integração. Esta bem que poderia ser chamada de "a função de conformidade", porque sua intenção é fazer com que as crianças sejam as mais semelhantes possíveis.

As pessoas que se conformam são previsíveis, e isso é de grande utilidade para aqueles que desejam explorar e manipular uma grande força de trabalho.

3) A função de diagnóstico e diretiva. A escola é destinada a determinar a função social de cada estudante. Isso é feito ao se registrar a evidência matemática e anedoticamente em registros cumulativos. Como no "registro permanente". Sim, você tem um.

4) A função de diferenciação. Depois da sua função social ter sido "diagnosticada", as crianças devem ser sorteadas por função e treinadas apenas na medida que suas metas sejam alcançadas

na máquina social - e nenhum passo além. É, as crianças estão realmente dando o melhor de si.

5) **A função seletiva.** Isso não se refere mesmo à escolha humana, mas à teoria de Darwin da seleção natural aplicada ao que ele chamou de "raças favorecidas".

Em suma, a idéia é ajudar as coisas de forma consciente na tentativa de melhorar o plantel. Escolas estão destinadas a marcar os inadequados - com notas baixas, testes de habilidade, e outras punições - com suficiente clareza que seus pares vão aceitá-los como inferiores e impedi-los de forma eficaz dos sorteios reprodutivos.

Isso é o que todas essas humilhações desde a primeira classe eram programadas a fazer: lavar a sujeira pelo ralo.

6) **A função propedêutica.** O sistema social implicado por essas regras exigirá um grupo de elite de zeladores. Para esse fim, uma pequena fração das crianças será silenciosamente ensinada para gerir este projeto contínuo, como vigiar e controlar a população deliberadamente idiotizada e amansada a fim de que o governo possa continuar sem ser contestado e as corporações não possam querer trabalho obediente.

Esse, infelizmente, é o propósito da educação pública obrigatória neste país. E mesmo que você considere Inglis como uma "manivela isolada" com uma visão bem cínica sobre o empreendimento educacional, você deve saber que ele dificilmente estava sozinho na defesa dessas idéias.

O próprio Conant, nas idéias de Horace Mann e outros, lutou incansavelmente para um sistema escolar americano projetado no mesmo sentido.

Última edição por Truman : 23-03-2011 às 23:44

23-03-2011 23:35

#4

Truman

Membro

Autor do tópico

● ● ● ●

THE END.

Registro: May 2008

Mensagens: 4.825

Verdinhas: 510

Spoiler:

Homens como George Peabody, que financiaram a causa da escolaridade obrigatória em todo o Sul, certamente entendiam que o sistema prussiano era útil só na criação de um eleitorado inofensivo e uma força de trabalho servil, mas também um rebanho virtual de consumidores acéfalos.

Com o tempo, um grande número de titãs industriais passaram a reconhecer os enormes lucros a serem obtidos por cultivar e perpetuar tal manada através da educação pública, entre eles Andrew Carnegie e John D. Rockefeller.

Olha aí. Agora você sabe. Nós não precisamos do conceito Karl Marx de uma guerra entre as classes para notar que é do interesse da gestão complexa, econômica ou política, tornar as pessoas burras, desmoralizá-las, dividi-las entre si, e descartá-las se elas não se conformam.

As "classes" podem enquadrar a proposta, como quando Woodrow Wilson, então presidente da Universidade de Princeton, disse o seguinte para a "Associação de Professores da Cidade de Nova York" ("New York City School Teachers Association") em 1909:

"Nós queremos uma classe de pessoas tendo uma educação liberal, e nós queremos uma outra classe de pessoas, uma classe muito maior, por necessidade, em cada sociedade, a renunciar aos privilégios de uma educação liberal e se adaptar ao desempenho de tarefas manuais difíceis."

Mas os motivos por trás das decisões repugnantes que trazem essas metas não precisam ser baseados em "classes". Podem surgir simplesmente do medo ou da crença familiar que a "eficiência" é a virtude mais importante, em vez de amor, liberdade, riso ou esperança. Acima de tudo, elas podem surgir da simples ganância.

Haviam vastas fortunas a serem feitas, afinal, em uma economia baseada na produção em massa e organizada para favorecer as grandes empresas em vez dos pequenos negócios ou a fazenda da família.

Mas a produção em massa exigiu um consumo de massa, e na virada do século 20 a maioria dos americanos achava pouco natural e pouco inteligente comprar coisas que realmente não precisasse.

A escolaridade obrigatória foi uma bênção nesse sentido. As escolas não tinham que educar as crianças, em qualquer sentido direto a pensar que deveriam consumir sem parar, porque elas fizeram algo ainda melhor: ela os encorajou a não pensar de qualquer maneira.

E isso os deixou expostos a outra grande invenção da era moderna - o marketing.

Mas você não tem que estudar marketing para saber que existem dois grupos de pessoas que sempre podem ser convencidos a consumir mais do que eles precisam: os viciados em drogas e as crianças.

A escola fez um bom trabalho de transformar nossas crianças em viciadas, mas fez um trabalho espetacular de transformar nossas crianças em crianças.

Novamente, isto não é acidental. Os teóricos de Platão a Rousseau ao nosso Dr. Inglis sabiam que se as crianças poderiam ser enclausuradas com outras crianças, despojadas de responsabilidade e independência, encorajadas a desenvolver apenas as emoções triviais de ganância, inveja, ciúme e medo, elas envelheceriam, mas nunca verdadeiramente cresceriam.

Na edição de 1934 de seu outrora bem conhecido livro "Educação Pública nos Estados Unidos" ("Public Education in the United States"), Ellwood P. Cubberley detalhou e elogiou a forma como a estratégia dos alargamentos sucessivos da escola tinha aumentado a infância em 2 a 6 anos, e a escolaridade forçada era, naquele momento, algo ainda recente.

O mesmo Cubberley - que foi diretor da "Stanford's School of Education", um editor de livros em Houghton Mifflin, e amigo de Conant e correspondente em Harvard - tinha escrito o seguinte na edição de 1922 do seu livro "Public School Administration":

"Nossas escolas são ... fábricas onde os produtos brutos (as crianças) devem ser moldadas e modeladas E é o negócio da escola construir seus pupilos de acordo com as especificações previstas."

É perfeitamente óbvio na nossa sociedade hoje o que eram essas especificações. A maturidade tem até agora sido banida de quase todos os aspectos de nossas vidas.

Leis de divórcio fácil removem a necessidade de trabalhar os relacionamentos; o crédito fácil elimina a necessidade de auto-controle fiscal; entretenimento fácil elimina a necessidade de aprender a entreter-se; respostas fáceis de remover a necessidade de fazer perguntas.

Nós nos tornamos uma nação de crianças, felizes em submeter os nossos juízos e as nossas vontades às exortações políticas comerciais e lisonjas que insultariam adultos de verdade.

Compramos televisões e compramos as coisas que vemos na televisão. Compramos computadores, e então nós compramos as coisas que vemos no computador.

Nós compramos tênis de 150 dólares, se precisamos deles ou não, e quando eles se desfazem, rapidamente compramos outro par.

Nós dirigimos SUVs e acreditamos na mentira de que elas constituem uma espécie de seguro de vida, mesmo quando estamos de cabeça para baixo nelas.

E, pior de tudo, não pestanejamos quando Ari Fleischer nos diz para "ter cuidado com o que dizemos," mesmo que nos lembremos que foi dito em algum lugar na escola que a América é a

terra dos livres. Nós simplesmente engolimos essa também. A nossa educação, como pretendia, tem se encarregado disso.

Agora as boas notícias. Depois de entender a lógica por trás da educação moderna, seus truques e armadilhas são relativamente fáceis de evitar.

A escola educa as crianças a serem empregados e consumidores; ensine os seus a serem líderes e aventureiros.

A escola educa as crianças a obedecerem automaticamente; ensine os seus a pensar de forma crítica e independente.

Crianças bem-educadas têm um limite baixo para o tédio; ajude a sua própria a desenvolver uma vida interior, de modo que ela nunca vai ficar entediada.

Incentive-os a observar as coisas mais sérias - o material adulto, na história, literatura, filosofia, música, arte, economia, teologia - todos os professores sabem bem o suficiente para evitar.

Desafie os seus filhos com muita solitude/solidão para que possam aprender a gostar de sua própria companhia, criando diálogos internos.

Pessoas bem educadas estão condicionadas ao pavor de ficar sozinhas, e buscam a companhia constante através da televisão, o computador, o celular, e através de amizades superficiais rapidamente adquiridas e abandonadas. Seus filhos devem ter uma vida mais significativa, e eles podem.

Primeiro, porém, temos de acordar para o que realmente são nossas escolas: laboratórios de experimentação em mentes jovens, centros de drenagem de hábitos e atitudes que a sociedade corporativa exige.

A educação obrigatória atende crianças apenas incidentalmente, o seu verdadeiro objetivo é transformá-las em serviçais.

Não deixe que o seu próprio filho tenha sua infância estendida, nem sequer por um dia.

Se David Farragut pôde assumir o comando de um navio de guerra britânico como um pré-adolescente, se Thomas Edison pôde publicar um jornal com a idade de 12 anos, se Ben Franklin foi aprendiz de si mesmo para ser impressor com a mesma idade (então se colocou em um curso de estudo que sufocaria um senior de Yale hoje em dia), não há como dizer o que as nossas crianças podem fazer.

Depois de uma longa vida, e 30 anos nas trincheiras da escola pública, eu concluí que a genialidade é tão comum quanto a sujeira. Nós suprimimos nossos gênios só porque ainda não descobrimos como administrar uma população de homens e mulheres educados.

A solução, penso eu, é simples e gloriosa. Deixem que elas cuidem de si mesmas.

Algumas matérias sobre a educação domiciliar:

Câmara debate projeto que pretende legalizar ensino domiciliar no país

Crianças poderiam ser educadas em casa pelos pais ou responsáveis. 'Aprovação do projeto seria histórica', diz pai que educa filhos em casa.

15/10/2009

Spoiler:

Um dos pilares do desenvolvimento humano, a educação escolar está no centro de um dilema que promete causar polêmica na Câmara dos Deputados. A Comissão de Educação da Casa discute

uma proposta que pretende legalizar a educação domiciliar no Brasil.

Apresentado pelos deputados Henrique Afonso (PT-AC) e Miguel Martini (PHS-MG), o projeto modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e obriga o Ministério da Educação a reconhecer o ensino aplicado por pais ou responsáveis fora da sala de aula. Em fase final de discussão, a proposta tem parecer contrário da relatora, deputada Bel Mesquita (PMDB-PA), mas continua no centro dos debates.

O deputado Wilson Picler (PDT-PR) planeja elaborar um calendário de audiências públicas para debater a questão com a sociedade. Nesta quinta-feira (15), ele coordenou uma audiência pública no plenário da Comissão de Educação para tratar do tema. “O parecer da relatora é pela rejeição do projeto, só que esse assunto é tão rico, que chegamos a um entendimento na comissão para adiar a votação desse parecer e manter o debate vivo”, relata Picler.

Na próxima semana, Picler vai apresentar à comissão a proposta de levar o debate à sociedade: “Temos três caminhos: construir um substitutivo ao projeto para elaborar melhor os critérios dessa educação domiciliar, retirar o projeto da pauta e adiar a votação ou rejeitar esse projeto atual e apresentar outro mais bem elaborado no próximo ano.”

Irmãos estudam em casa

O modelo de educação domiciliar já levou o Ministério Público de Minas Gerais a se posicionar contra um casal residente na cidade de Timóteo, localizada a cerca de 200 quilômetros da capital mineira. O caso foi denunciado ao Conselho Tutelar em 2007 por um morador da cidade.

Respondendo a um processo por abandono intelectual, o designer autônomo Cleber Nunes, 46 anos, tenta há quase quatro anos conseguir o aval da Justiça para que seus dois filhos adolescentes continuem estudando em casa. Para Nunes, a aprovação do projeto em debate na Câmara representaria “um momento histórico na educação brasileira”.

O processo civil ele perdeu. “Entramos com vários recursos depois que a sentença saiu, em 2007, mas todos foram negados.” No entanto, ele não pretende cumprir a sentença, que determina o pagamento de 12 salários mínimos para o estado e a matrícula imediata dos garotos na rede de ensino. “Se fosse algo que fizesse sentido, pagaria correndo, mas não concordo com ela.” O processo criminal, segundo Nunes, está parado desde o final de 2008, **depois que os meninos foram aprovados em exames aplicados pela Justiça.**

Enquanto isso, os irmãos Jonatas, 15 anos, e Davi, 16 anos, que participaram da audiência na Câmara, mantêm a sua rotina. “Eles estudam cerca de seis horas por dia, mas não existe um cronograma fixo de disciplinas. Neste momento, eles estão se dedicando ao estudo do inglês, hebraico, português e informática”, conta a mãe, Bernadeth, 41 anos.

Bernadeth abandonou a faculdade de arquitetura no quarto ano para se dedicar à família. “Vimos que podíamos fazer mais pelos meninos. A nossa opção pode ser vista como uma alternativa radical, mas ela é válida e exige bastante do nosso tempo”, apoia Cleber.

Desde 2006, os meninos não frequentam a escola. Davi foi até a sexta série e Jonatas, até a quinta. Os pais garantem que eles não sentem falta. “O rendimento nos estudos é muito melhor. Eles são mais maduros do que os jovens da idade deles. Conseguem até um dinheirinho programando sites”, diz a mãe.



Bernadeth, Cleber, com Ana, no colo, Davi e Jonatas (de camisa listrada) (Foto: Arquivo pessoal)

Depois de completar 15 anos, Davi obteve o certificado do Encceja (antigo supletivo) do ensino fundamental. Agora, será a vez de Jonatas. No vestibular, só pensarão depois dos 18, idade mínima para pegar o certificado do ensino médio. Até lá, vão continuar dividindo o seu tempo entre os livros, a internet e o skate.

E como será com a filha caçula, Ana, de 2 anos? “Ela também não irá para a escola. Existem outras formas de socialização que não só a escola”, defende o pai.

Relatora

Para a relatora do projeto, Bel Mesquita (PMDB-PA), a educação domiciliar acabaria por prejudicar a formação das crianças. Bel argumenta que as funções da escola não se resumem ao ensino e sustenta que a socialização da criança e do jovem, no convívio escolar, tem um papel importantíssimo.

“A escola não é necessária apenas pelo conhecimento que transmite, mas pelo contexto no qual ele é transmitido. É fundamental que a criança constitua conhecimentos, que ela aprenda a negociá-los, a compartilhá-los.”, argumenta Bel em seu parecer. “A família pode fornecer condições de socialização de outras formas, mas o difícil é ter esse contexto de sala de aula, de coletivo”, complementa a deputada, citando a educadora Guiomar Namo de Mello.

A tese da relatora é acompanhada pelo Ministério da Educação e pelo próprio Judiciário, que já condenou famílias brasileiras pela prática, que contraria o Código Penal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que exigem matrícula das crianças e adolescentes nos estabelecimentos de ensino da rede formal de educação.

A secretária de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), Maria do Pilar Lacerda, critica a proposta por privar os estudantes do convívio coletivo: “A escola não é apenas um espaço para aprender o português ou a matemática. O estudante também aprende convivendo coletivamente e administrando situações. Ao conviver com o outro, a criança também se forma. Retirar isso é privar a criança de uma parte importante do aprendizado.”

Para sustentar a aprovação do projeto de lei na Câmara, os deputados favoráveis à educação domiciliar apresentam uma lista de países em que a experiência é adotada com sucesso.

“O chamado ensino domiciliar é adotado em vários países como Canadá, Inglaterra, México, Alemanha, Espanha e França e em alguns estados dos Estados Unidos da América. Nos EUA, a adesão ao homeschooling (ensino domiciliar) reúne mais de 1 milhão de adeptos. A Unesco contabiliza que, ao todo, existiriam no mundo 2 milhões de crianças que seguem esse sistema de ensino.”

Fonte

23-03-2011 23:39

#5

Truman

Membro

Autor do tópico



THE END.

Registro: May 2008

Mensagens: 4.825

Verdinhas: 510



Justiça de Minas Gerais condena casal que educa filhos em casa

Adolescentes não vão à escola há pelo menos quatro anos. Sistema de educação informal é proibido no Brasil.

06/03/2010

Spoiler:

A sala de aula deu lugar a sala de jantar. No lugar dos professores, os pais. É assim que os irmãos Jônatas de Andrade Nunes e David de Andrade Nunes estudam.

Os adolescentes de 15 anos e 16 anos não vão à escola há pelo menos quatro anos. "É a insatisfação com o ensino regular e de como eles eram ensinados na escola que me fizeram tomar essa decisão", afirma o pai dos meninos, Cleber de Andrade Nunes.

O método de ensino foi adotado com base em uma prática norte-americana que tem cerca de um milhão de adeptos. "Na escola, os professores dão as provas, mas em uma semana o aluno já esqueceu tudo", afirma Jônatas. "Aqui não. Aqui a gente aprende e é avaliado na prática."



O ensino em casa é permitido em outros países, mas no Brasil não. Aqui a frequência em sala de aula é prevista em lei. O Estatuto da Criança e do Adolescente determina que os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Os pais dos jovens foram condenados pela justiça de Timóteo, cidade onde moram em Minas Gerais, pelo crime de abandono intelectual dos filhos. A pena: multa de R\$ 68. Eles dizem que vão recorrer e manter os filhos estudando em casa. "Essa sentença é absurda por condenar pais que tomaram uma atitude drástica para obter o melhor para seus filhos", afirma Nunes.

Por determinação da justiça, David e Jônatas fizeram testes de conhecimento e foram aprovados. "Nós temos a nossa vida social e a nossa vida normal aqui. Mesmo em casa, temos amigos e praticamos esportes", afirma David.

Mas segundo o especialista em sociologia e educação, Rudá Ricci, o estudo tem que estar associado a convivência social. "Obviamente que os pais estão pensando no melhor para seus filhos. O problema é que a educação não serve apenas para o sucesso individual deles, pois a educação é socialização e em casa eu só vou ter os iguais, aqueles que pensam como eu penso como os meus pais pensam", afirma Ricci. "É fora de casa, em um processo de educação com pessoas com hábitos diferentes e regiões diferentes, que faz com que eu me eduque para a sociedade."

Fonte

Polícia desconsidera negligência em caso de crianças educadas em casa

Pais prestaram depoimento nesta terça (8) em delegacia de Serra Negra. Crianças saíram da escola em 2008; para delegado, não há negligência.
09/02/2011

Spoiler:

O delegado Rodrigo Cantadori, de Serra Negra, a 139 km de São Paulo, desconsiderou a ocorrência de negligência no caso dos pais que educam suas filhas de 9 e 11 anos em casa. A Polícia Civil instaurou um inquérito sobre o caso no último dia 2, a pedido do Ministério Público. As crianças não frequentam a escola desde 2008, e estudam em casa, método comum nos Estados Unidos, onde as duas nasceram.

As meninas são filhas do norte-americano Philip Ferrara e da brasileira Leila Brum Ferrara. Ambos foram ouvidos pela Polícia Civil por 45 minutos nesta terça-feira (8). Após o depoimento, o delegado disse considerar difícil caracterizar como crime de abandono intelectual o caso, já que os pais não estavam sendo negligentes.

Entretanto, Cantadori informou que, antes de concluir o inquérito, ainda vão ser necessárias outras investigações sobre a eficiência dos métodos de ensino virtual da escola americana. "A polícia vai averiguar como tudo isso funciona", disse o delegado.

Os pais garantem que as filhas estudam quatro horas por dia as disciplinas disponíveis na internet. "Uma família quer o melhor para os filhos, acho que é difícil olhar isso como um crime", afirmou a mãe Leila Brum Ferrara.

No entanto, mesmo se o inquérito policial concluir que não há crime na atitude do casal, ainda será necessário convencer o juiz da Vara de Infância e Juventude de que as meninas não estão sendo prejudicadas por serem educadas em casa. A Justiça solicitou a entrega de documentos que comprovem que esse tipo de formação pode garantir condições para que as meninas conquistem um diploma.

O MP exige também que o casal cumpra o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que estabelece que toda a criança seja matriculada em uma escola regular. A Promotoria informou que o casal pode responder pelo crime de abandono intelectual.



Leila, marido e as duas filhas que nasceram nos Estados Unidos e aprendem em casa (Foto: Divulgação/ Arquivo Pessoal)

'Elas não querem voltar para a escola', diz mãe que educa filhas em casa

Meninas de 9 e 11 anos estão fora da escola desde 2008, no interior de SP. Ministério Público quer fazer valer a Constituição Federal.

10/02/2011

A família acusada de negligência pelo Ministério Público por não mandar as filhas de 9 e 11 anos desde 2008 para a escola, em Serra Negra, cidade a 139 km de São Paulo, diz que elas estão felizes e que não sentem falta da escola, pois são educadas em casa. "Elas dizem que não querem nunca mais voltar para a escola, que adoram aprender comigo", diz a mãe, Leila Brum Ferrara, de 45 anos.

A mãe das duas meninas que nasceram nos Estados Unidos é brasileira e casada com o norte-americano Philip Ferrara. Em entrevista ao **G1**, ela dá detalhes sobre o método de estudo e explica as razões que levaram ela e o marido a educarem as meninas em ambiente doméstico.

Segundo a mãe, as aulas são todas ministradas em inglês por ela e pelo marido e seguem o currículo normal de uma escola americana. Tudo é feito por meio da internet, diz. "Mas eu ensino também português, além de história e geografia do Brasil. Elas gostam muito de aprender. Estudam cerca de quatro horas por dia. A mais velha fala e escreve muito bem português", conta.

Para Ferrara, o método de ensino "home school" cria pessoas mais seguras. "Elas ficam mais felizes, mais seguras, pois não enfrentam pressão. Mas a gente não coloca as meninas numa redoma, não", afirma.

No entanto, segundo a mãe, um ponto muito questionado sobre esse método de ensino diz respeito à socialização das crianças. Ela diz que as meninas convivem com outras crianças, não ficam apenas em casa. "Elas fazem balé e jogam tênis quase todos os dias. Têm uma vida social perfeita", diz Ferrara.

Método não reconhecido

Segundo o promotor de Justiça da Infância e Juventude em Serra Negra, Marcelo de Mendonça Neves, o Ministério Público instaurou um pedido de providência para verificar porque as crianças não estavam mais frequentando a escola. "Os pais disseram que elas não iam porque iam fazer home school, mas no Brasil isso não é reconhecido. Aqui as crianças têm que estar matriculadas na escola. É obrigatório, está na Constituição Federal", explica.

Ainda de acordo com Neves, com essa ação o MP pretende que as crianças voltem para a escola. "Nós estamos fazendo isso pela proteção das crianças. Não queremos que elas possam ser prejudicadas por uma decisão dos pais. Vamos seguir a lei brasileira para que o estudo delas seja completo", afirma o promotor.

A mãe discorda. Ferrara afirma que os pais é que devem escolher se os filhos vão ou não para a escola. "Eu acho que esse direito não deveria ser do estado. Mesmo que fosse liberado, acho que nem 1% da população faria (home school) porque dá trabalho educar em casa. Eu larguei minha

carreira para ficar com elas”, completa.

A mãe diz também que com a educação doméstica as filhas terão mais oportunidades no futuro. “É mais completo (o estudo). Quando você vai ensinar quilo, litro, por exemplo, você vai à cozinha e faz um bolo para ensinar”, conta.

Negligência

Na quarta-feira (9), o delegado Rodrigo Cantadori, de Serra Negra, desconsiderou a ocorrência de negligência no caso dos pais que educam suas filhas de 9 e 11 anos em casa.

A Polícia Civil instaurou um inquérito sobre o caso no último dia 2, a pedido do Ministério Público. Os pais foram ouvidos pela Polícia Civil por 45 minutos na terça. Após o depoimento, o delegado disse considerar difícil caracterizar como crime de abandono intelectual o caso, já que os pais não estavam sendo negligentes.

Entretanto, Cantadori informou que, antes de concluir o inquérito, ainda vão ser necessárias outras investigações sobre a eficiência dos métodos de ensino virtual da escola americana. "A polícia vai averiguar como tudo isso funciona", disse o delegado.

[Fonte 1](#) - [Fonte 2](#)

Última edição por Truman : 24-03-2011 às 10:02

23-03-2011 23:40

#6

Truman

Membro

Autor do tópico

THE END.

Registro: May 2008

Mensagens: 4.825

Verdinhas: 510



Condenado pela Justiça, casal de MG mantém filhos fora da escola

Adolescentes dizem preferir estudar em casa, mas pensam em universidade.

Família criou entidade para lutar por liberdade de decisão dos pais.
16/02/2011

Spoiler:

Quase um ano após ser condenado por ter tirado os filhos da escola, Cleber de Andrade Nunes continua ensinando os três filhos em casa na cidade de Vargem Alegre, em Minas Gerais. Os mais velhos, de 16 e 17 anos, já atuam até profissionalmente: um é programador e o outro é webdesigner. A filha de 3 anos está praticamente alfabetizada em português e inglês.

Na última semana, Cleber fez questão de apoiar o casal Leila Brum Ferrara e Philip Ferrara, da cidade do interior paulista Serra Negra, que também foi acusado de negligência pelo Ministério Público por educar as duas filhas em casa. Aproveitou para divulgar a entidade que criou para unir famílias que tomaram a mesma decisão, a Aliança Nacional para Proteção à Liberdade de Instruir e Aprender (Anplia). São cerca de 100 casais, segundo Cleber, que se unem para resistir ao que chama de "imposição do Estado".



Cleber de Andrade Nunes e os filhos Jônatas, de 16 anos, e Davi, de 17 (Foto: Arquivo pessoal)

"O que está acontecendo em Serra Negra é uma inversão. O Estado quer que a família prove, como aconteceu no nosso caso, que está educando. Na realidade, é o Estado que tem que provar para nós que tem capacidade de educar nossos filhos. Diga-se de passagem não tem conseguido provar", afirmou.

Cleber, de 47 anos, que é um designer autodidata, e a mulher, Bernadeth Amorim Nunes, de 43 anos, que abandonou o curso de arquitetura para se dedicar aos cuidados com a família, foram condenados a rematricular os filhos e pagar multa pela Justiça Civil em 2007. Recorreram ao Tribunal de Justiça, mas perderam. Depois disso, desistiram de ir ao Supremo. Em fevereiro do ano passado, foram condenados pela Justiça Criminal a pagar multa. Também resolveram descumprir a decisão e não recorreram.

Segundo o Ministério Público de Timóteo (MG), onde a família morava, Cleber e Bernadeth cometeram infração administrativa, no âmbito cível, por terem descumprido o parágrafo 1 do artigo 1.634 do Código Civil (diz que compete aos pais, quando à pessoa dos filhos menores: dirigir-lhes a criação e educação). Além disso, foram contra os artigos 22 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que fala sobre o dever de educar os filhos, e 55, que obriga a matricular na escola. Por isso, foram condenados pela Justiça ao pagamento de multa no valor de seis salários mínimos cada um (R\$ 3.060, cada).

No Juizado Especial Criminal, segundo a Promotoria, foi instaurada ação penal pela prática do crime de abandono intelectual, segundo o artigo 246 do Código Penal. A decisão da Justiça foi de que deveriam pagar multa. No caso de Cleber, de dez dias-multa, no valor de um décimo do salário mínimo (o equivalente a R\$ 510). Para Bernadeth, a multa é de dez dias-multa, no valor de um trigésimo do salário mínimo (o equivalente a R\$ 170).

"Essa condenação expôs ao ridículo nosso sistema judiciário. O juiz blefou nos ameaçando de perder a guarda das crianças e de prisão. No final das contas, não poderia sentenciar a nenhuma das duas e sentenciou a multa e não fez absolutamente nada, porque pensou que íamos recuar", afirmou Cleber.

O casal sofre com as sanções da Justiça. Bernadeth tentou, mas não conseguiu votar nas últimas eleições. O casal deve R\$ 6 mil ao Estado. "Aqueles que elaboram as leis colocam os filhos nas melhores escolas particulares e obrigam a maior parte da população a se submeter a todo esse lixo que chamam de educação", disse o designer.

Hoje, os filhos Jônatas Andrade Amorim Nunes, de 16 anos, e Davi Andrade Amorim Nunes, de 17 anos, estudam a possibilidade de frequentar o ensino superior. Os dois saíram da escola aos 10 anos, na 5ª série, e aos 11 anos, na 6ª série, respectivamente. Davi, que é programador e atualmente desenvolve um software comercial, disse que já decidiu que vai fazer universidade, só não sabe a área. "Para mim, na formação profissional, numa faculdade você garante um diploma, tem mais chance no mercado", afirmou Davi. Ele diz ter certeza de que quer fazer aulas presenciais. "O estudo é mais direcionado. Os cursos são melhores. Não tem muitos cursos disponíveis a distância e os cursos presenciais são melhores", disse.

Jônatas ainda tem dúvidas. Questiona se realmente precisa de um diploma para atuar na área de webdesign, que aprendeu pela internet e na qual já trabalha. "Fico naquela, passar cinco anos estudando, às vezes fazer cursos específicos seria mais proveitoso para mim", disse Jônatas.

Atualmente os jovens aprendem em casa, com a orientação dos pais, fazem cursos via internet, assistem a vídeos com aulas e entram em contato com especialistas na área. "Para mim, é a melhor forma. A gente aprende o que é necessário mesmo, o que a gente gosta. Não é como na escola que precisa aprender um monte de coisa, que não sabe nem o que vai fazer com aquele monte de informação. A gente pega, gosta de uma coisa, aprende, corre atrás. O aprendizado fica mais gostoso, mais legal", afirmou Jônatas.



Os jovens só poderão ter uma certificação de conclusão do ensino médio ao completarem 18 anos, uma das exigências do MEC para aqueles que fazem o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em busca do certificado. Além disso, precisarão ter no mínimo 400 pontos na prova e 500 pontos na redação.

Jônatas e Davi dizem sair com os amigos à noite e nos finais de semana e praticam esportes. "Moramos em uma cidade pequena. Conheço quase todos os jovens da cidade. É normal. Pratico esportes, saio, vejo meus colegas à noite. Jogo bola, ando de skate. Não me senti prejudicado nessa área", disse Jônatas.

Veja o que dizem:	
Artigo 26.3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos	"Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos"
Artigo 22 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)	"Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais"
Artigo 55 do ECA	"Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino"
Artigo 12.4 Convenção da Americana dos Direitos Humanos (Pacto de São José, da Costa Rica)	Os pais e, quando for o caso, os tutores, têm direito a que seus filhos e pupilos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções

Legislação

Para Cleber, apesar de a legislação brasileira não contemplar a educação domiciliar, conhecida como "homeschooling" em inglês e popular nos Estados Unidos, não é preciso qualquer alteração nas leis ou na Constituição para que ele e outros pais tenham o direito de ensinar os filhos na casa.

"Não precisamos de qualquer alteração. Se duas ordens são conflitantes, tem que prevalecer aquela que está acima. O artigo 26.3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos dá o direito aos pais de escolher o gênero de instrução dos filhos. Esses tratados têm força maior que o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e derrubaria a obrigatoriedade (de matricular os filhos na escola, como afirma o artigo 55)", disse.

Dois projetos de lei que tentavam legalizar a educação domiciliar foram arquivados em janeiro deste ano na Câmara dos Deputados.

Quando decidiu tirar os filhos da escola, Cleber disse ter analisado vários fatores: segurança, aprendizagem, a degradação do ambiente escolar, o ensino coletivo e os métodos pedagógicos. O designer afirmou que o fator financeiro não foi decisivo.

O designer defende a possibilidade de escolha dos pais de como educar os filhos. "Não acreditamos na educação coletiva, no professor ensinar uma turma de alunos. Acreditamos na educação como um processo em liberdade, na aprendizagem em liberdade. Nem sequer somos contra uma criança saia de casa e vá algum lugar aprender alguma coisa, ou uma escola ou um cursinho. Não se trata disso. O que é inaceitável é que uma criança seja obrigada a ficar confinada em uma sala de aula contra a própria vontade e a dos pais."

Pai professor, filhos em casa

Em Maringá, no Paraná, o professor Luiz Carlos Faria da Silva, de 54 anos, e a pedagoga Dayane Dalquana, de 36 anos, também decidiram educar os filhos em casa após experiências que consideraram ruins em uma escola particular e em outra pública. Lucas, hoje com 12 anos,

frequentou a escola por cerca de dois anos, e Júlia, de 11 anos, frequentou por um ano, quando tinha 7 anos. Agora as crianças estudam em casa sob a orientação dos pais, aprendem matemática e inglês em escolas especializadas e praticam esportes.



Casal de Maringá (PR) defende que o ensino dos filhos seja feito em casa (Foto: Arquivo Pessoal)

O Ministério Público chegou a tentar obrigar o casal a rematricular os filhos na escola, mas depois mudou de ideia, segundo Luiz Carlos, que é professor de filosofia e história da educação na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente a Promotoria e a Justiça acompanham o desenvolvimento educacional das crianças por meio de provas semestrais feitas pelo Núcleo Regional de Educação e fazem avaliações psicológicas.

Segundo o professor, a decisão de tirar os filhos da escola foi tomada por vários motivos. Além de se sentir insatisfeito com o ensino e com os valores passados pela escola e por outras crianças, o filho mais velho começou a relatar que era agredido por um colega. “Começamos a perceber que não adiantava cuidar em casa e mandar para a escola. Ficamos incomodados”, disse.

Luiz Carlos chegou a pedir uma investigação ao Ministério Público contra a escola por não terem tomado providências sobre o problema relatado pelo filho. O caso terminou em um termo de ajustamento de conduta entre a Promotoria e a escola. “A escola fazia coisas para tentar resolver das quais eu discordava. Achava que tinha que expulsar”, afirmou. Por sugestão do juiz, o casal matriculou as crianças em uma escola pública, mas mudou de ideia em 15 dias.

“Não dá para ficar. Tinha agressão à professora. Aluno que subia na mesa e baixava as calças. Professores com medo do aluno, porque tem essa história de passar a mão na cabeça”, disse. De acordo com o professor, a decisão foi dele e da mulher. “Não consulto filho para escolher escola, plano de saúde, se vou ficar casado. Converso muito com eles, mas não pergunto se querem ficar na escola ou não”, afirmou.

Luiz Carlos disse que os filhos podem voltar à escola aos 14 ou 15 anos. “Imagino que vão precisar de estudos mais aprofundados e especializados e estarão mais robustos para enfrentar as questões morais”, disse.

Segundo o professor, no caso dele, o fato de ter experiência na área ajudou, mas famílias que não têm a mesma formação também podem fazer a mesma opção. “O pai pode assumir tudo, pode ainda ter metade (das aulas) em casa e metade fora. Pode contratar um professor ou se juntar com outros pais, alugar uma sala, fazer o currículo e dirigir os estudos do filho”, afirmou. Para Luiz Carlos, a decisão sobre a educação dos filhos deve ser dos pais e não do estado. “O estado não tem direito de interferir no tipo de educação que vai dar para o filho”, disse.

De acordo com o professor, a obrigatoriedade de matricular a criança na escola, que consta no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), vai contra a Constituição. “A Constituição fala que a educação é dever do estado e da família, mas não fala em obrigação de matricular.”

O professor cita ainda o fato de o país ser signatário da Convenção Americana dos Direitos Humanos (Pacto de São José, da Costa Rica). “O pacto diz que entre o estado e os pais a última palavra é a dos pais”, disse. Segundo Luiz Carlos, uma emenda constitucional diz que pactos sancionados pelo Congresso têm prevalência sobre leis do país.

Segundo o Ministério Público de Maringá, o caso é acompanhado pela Promotoria e pelo juiz de Infância e Juventude em um procedimento de aplicação de medida de proteção. A avaliação é de que não há abandono intelectual, porque as crianças são educadas mesmo que de forma alternativa.

"A existência do procedimento significa que, a qualquer momento, dependendo da situação do momento, podem ser aplicadas as medidas de proteção, inclusive de encaminhamento a tratamento psicológico ou de matrícula obrigatória", afirmou o promotor da Infância e Juventude e Violência Doméstica de Maringá, Robertson Fonseca de Azevedo.

Para a promotoria, as crianças estão em situação de risco social por estarem fora da escola. "Elas estão em risco social na medida em que judô e balé não suprem a vivência que é da escola. Judô e balé é menos tempo, é professor e aluno direto, é um grupo pequeno. Na escola é que tem as turmas, os gêneros diferentes. A vivência da escola não é suprida por inglês, balé, esse contraturno que tem. Essa experiência que faz com que as crianças tenham essa educação alternativa que o pai impõe, como pai. Nunca falei com a mãe nesse caso. É o pai mesmo. Ele coloca o filho em uma potencial situação de risco que justifica a existência (da medida de proteção), não no entendimento de que há abandono intelectual, mas que há uma situação de risco, social, psicológico", disse o promotor.

Fonte

Ducaralho. Simplesmente ducaralho.

Nós damos muito valor ao Estado, sendo que este acabou se impondo e nos amedrontando... Quando somos NÓS que o sustentamos! 🤔

As escolas públicas desse país são um lixo. A merda que todo mundo conhece.

Realmente é difícil falar em se ensinar os filhos em casa porque tem muito pai aí incompetente que não serve nem pra cuidar da própria vida. Mas com certeza se deve pensar desde cedo em tirar os próprios filhos de todos esses chiqueiros. 👍

E é impressionante, os promotores só sabem responder com intimidação, coação e implementação de mais medo.

O maior inimigo do povo brasileiro é o Estado. Que mantemos com nossos impostos e que, portanto, só existe para nos explorar.

Mais JTG:

Spoiler:







<http://itsrainmakingtime.com/2011/johntaylorlorgatto/>

Última edição por Truman : 26-03-2011 às 21:46

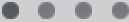
24-03-2011 9:59

#7

Truman

Membro

Autor do tópico



THE END.

Registro: May 2008

Mensagens: 4.825

Verdinhas: 510



E aqui vai o primeiro podcast do School Sucks Project:

<http://www.schoolsucksproject.com/podcasts/1>

Estou vendo se é possível traduzir o que o Brett Veinotte diz nele.

Fizeram [uma transcrição](#) do podcast de introdução, segue o mesmo (na íntegra, traduzido):

Spoiler:

Imagine uma porta para a liberdade total e oportunidade abundante, para uma maior felicidade e satisfação pessoal. A educação pública, aquele processo de doze anos de escolaridade que todos nós somos obrigados a passar, é a trava nessa porta. Esta é uma série e um projeto sobre como encontrar essa chave.

*Olá e bem-vindos - à introdução do **SSP**, uma série sobre o fim da educação pública. Em primeiro lugar, nesta rápida explicação: quem sou eu, por que eu estou aqui, o que estou fazendo?*

*Bem, talvez a melhor maneira de começar é com uma explicação sobre o título da série, "School Sucks" ("**A Escola é Uma Droga**") e subtítulo, "The END of public education" ("**O FIM da***

educação pública").

A primeira parte, "School Sucks", é provavelmente a frase mais comum na adolescência que eu já ouvi para descrever os sentimentos sobre a educação pública.

Na verdade, foi inspirada por uma petição online de um estudante intitulada "School Sucks Ass".

Eu acho que tinha uns três ou quatro mil assinaturas.

E é realmente tão corriqueira. Se você digitar a frase, "School Sucks" em uma busca no Google, Youtube ou Facebook, eu acho que você ficaria surpreso com quantos resultados seriam retornados para você.

Mas, é algo muito mais significativo do que apenas uma sinopse dos sentimentos sobre a educação pública que os jovens têm. Mas guarde essa idéia por um momento.

O subtítulo da série, "O FIM da educação pública", carrega dois significados. Primeiro, fim se refere a um objetivo, como em "meios que ajudam a conseguir determinados fins".

Vamos explorar as verdadeiras intenções por trás do sistema de educação pública que, infelizmente, para todos aqueles que participaram dele tinha muito pouco a ver com a verdadeira educação.

Sinto muito. Há provas substanciais de que o fracasso do sistema em proporcionar educação de verdade não é algo acidental.

E o segundo significado que poderíamos aplicar para o subtítulo é o fim - é, acabou, é irrelevante, inútil, precisa ser arrancado e jogado bem longe. Prejudica muito mais do que beneficia. Realmente não faz nenhum bem real e significativo, especialmente quando você compara os benefícios para os danos e os custos.

Agora, mesmo se você for um estudante, quando você ouvir uma declaração como essa, mesmo que você não esteja totalmente feliz com a sua experiência escolar você pode dizer: "Uau, essa é uma declaração bastante ousada, você realmente deseja livrar-se do sistema de ensino público?"

E daí, um monte de perguntas podem surgir. E isso é bom. Eu não sou um professor em sala de aula mais, então assim, agora, eu realmente incentivo as pessoas a me questionar.

Mas antes de irmos adiante eu acho que vale a pena apontar que o sistema público de educação que todos nós experimentamos na América, na verdade tem suas raízes em outro sistema de ensino que foi criado há 150 anos no império militarista e opressivo da Prússia, na Europa. Foi transplantado da Prússia para a América em meados de 1800 praticamente inalterado.

O objetivo do sistema na Prússia era pegar as mentes individuais e moldá-las em trabalhadores e cidadãos complacentes e soldados obedientes que seguiriam diretivas e veneravam a autoridade. É claro que o sistema também foi projetado para fornecer treinamento para a enorme economia da manufatura da América durante a Revolução Industrial.

Bem, a maioria dos empregos na América na época obrigavam as pessoas a se sentar por 8 horas em uma chata linha de produção e realizar tarefas simples. Basicamente, eles apenas se sentavam em um lugar a menos que tivessem de se deslocar para outro diferente para realizar outro trabalho.

A escola foi concebida para replicar esta experiência das fábricas. Originalmente crianças foram forçadas a se sentar em carteiras e fazer tarefas simples, e o realmente mais importante, não questionar as tarefas, não dizer "Por que precisamos fazer isso?", apenas fazer.

É claro que elas também eram treinadas para seguir as diretivas de algum tipo de autoridade. Novamente, sem questionar.

Assim, a escola preparou essencialmente crianças, pessoas criativas, a serem trabalhadores de

fábrica e de linhas de montagem. Não para serem indivíduos, mas peças de uma máquina de grande porte.

Porque aquelas eram as necessidades da economia norte-americana na segunda metade do século 19. Mas porque a América não é mais realmente baseada na manufatura, não há mais muitos postos de trabalho para desagradáveis linhas de produção neste século 21.

Eu tenho certeza que a escola foi completamente revolucionada e não é nada parecida com o que era no final dos anos 1800, quando os alunos sentavam-se em mesas o dia todo e realizavam tarefas simples e seguiam as instruções de uma figura de autoridade.

Certo?

Bem, isso nos traz de volta à idéia que eu pedi para você guardar no começo, sobre a frase "As Escolas São Uma Droga" ("School Sucks"). Isso pode parecer um slogan um tanto impensado e amargo, mas é, de fato, bastante inteligente.

Quanto mais eu pensava sobre a frase "As Escolas São Uma Droga" ("School Sucks"), mais eu percebi que provavelmente foi o resumo mais preciso e inteligente do sistema de ensino público que eu já tinha ouvido.

O processo de 12 anos da educação pública da América (ou de qualquer lugar) tem um efeito dramático sobre a mente de uma criança.

Quando começamos a entrar na escola na idade de 5 ou 6 muitos dos nossos melhores atributos pessoais já estão sedimentados. Somos curiosos, inovadores, únicos, criativos e esperançosos de uma forma que muitas pessoas são incapazes de reproduzir todo o resto de suas vidas.

Mas ao longo do tempo, a escola "suga" todas essas habilidades naturais de muitas pessoas e substituem as mesmas com previsibilidade, obediência, e apatia.

Mas a "drenagem" ainda não está completa, o sistema de ensino público suga a capacidade produtiva de pessoas esforçadas.

O sistema é financiado pelos impostos coercitivamente.

Em outras palavras, se a educação pública vai bem ou mal (**e alerta de spoiler**) ela falha em fornecer educação real para o público e o custo sobe a cada ano. Não há nenhum reembolso se ninguém sente que recebeu uma boa educação; o dinheiro vai pelo ralo.

E eu espero que isso explique porque a frase "A Escola é Uma Porcaria" não é apenas uma declaração irritada ou até mesmo uma afirmação inteligente sobre a experiência de educação pública na América - e sim, de fato, a declaração perfeita.

Agora, certamente há alguém ouvindo este podcast e dizendo: "Bem, se o que você está dizendo é verdade, até agora, este sistema poderia ser um pouco reformado." Calma aí. Como eu disse, meu objetivo é livrar-se do sistema de educação pública, acabar com o mesmo.

Esta não é uma série que aborde a reforma das escolas públicas. Nada seria mais entediante. Se fosse sobre isso, eu chamaria de "O Podcast das Escolas São Uma Merda é Uma Bela Merda" porque seria terrível, insuportável.

Em vez de falar sobre a reforma, gostaria de pedir a você para imaginar o sistema de educação pública como uma árvore de grande porte.

E cada folha desta árvore representa um dos problemas que nos pressionam e que as pessoas estão sempre falando sobre a reforma escolar quando discutem entre si: o tamanho das classes, bolsas de estudos ([vouchers](#)), testes padronizados, "nenhuma criança deixada para trás", etc.

Ao longo da história da educação pública, os "reformadores" tem abordado esta árvore crescente e rapidamente decomposta (ops, se já não estivesse apodrecida desde o começo) com pequenas

tesouras, aplicando um corte aqui e ali e achando que tudo ficará satisfatório.

Já este podcast solicita a motosserra ao invés da tesoura.

Eu só quero ser super-duper-claro a esse respeito. A esta altura, talvez hajam algumas outras pessoas ouvindo e dizendo tudo bem, quem é esse cara e como posso denunciá-lo à NSA.

Meu nome é Brett Veinotte, tenho 32 anos, eu moro no estado americano de New Hampshire e tenho trabalhado na educação pública pela maior parte dos últimos 10 anos.

A minha ambição pessoal: conseguir que as crianças saiam das escolas governamentais. Agora, isso pode parecer bobagem para alguns de vocês, e isso pode parecer ainda mais bobo, quando eu digo que há apenas uma ferramenta que eu estou disposto a utilizar na prossecução deste objetivo: a persuasão.

Um monte de vezes, quando as pessoas estão interessadas em trazer alguma espécie de mudança em larga escala, elas foram treinadas para pensar que estão usando aquela ferramenta para conseguir essa mudança, mas na realidade estavam usando uma arma, e como você vai reparar, eu não estou propenso a usar "armas" em pessoas inocentes pra conseguir as coisas do meu jeito. Se isso não está claro, eu prometo que nos próximos episódios, fará mesmo sentido.

Sobre os 10 anos que passei no sistema educacional como professor, eu ensinei História, entre outras coisas, para pequenas escolas privadas no estado americano de Vermont.

Na mesma época eu também estive na escola de pós-graduação no estado americano de Massachusetts, tentando obter um mestrado em liderança educacional, e também um certificado (aquele pedaço de papel que você precisa para ir à escola pública e ser considerado um professor).

No primeiro semestre do ano letivo (e eu acho que em 2004), eu comecei a me deparar com algumas informações confortantes sobre a história do sistema de educação pública (eu acho que estava na verdade fazendo uma pesquisa pra um projeto relacionado à notas acadêmicas... o trabalho de pessoas como John Holt, Jonathan Taylor Gatto, e Jonathan Kozol era muito... poderoso para ser ignorado.

Esses são assuntos que eu irei comentar mais à frente, mas eu comecei a questionar o que estava fazendo, e fazer a pergunta mais importante de todas: "Eu poderia continuar?", e descobri finalmente que não poderia.

Eu me retirei, saí dos dois programas, eu saí do programa de graduação bem no meio da classe, durante um intervalo. E, sendo completamente honesto, este foi um período muito difícil na minha vida, enfim, basicamente tudo que eu estava fazendo pessoal/profissionalmente, colocando muito dinheiro em ir à escola, tudo girava em torno de trabalhar em busca desse objetivo de me tornar um professor de História na escola pública, e então, porque eu também me interessava em ganhar algum dinheiro na minha vida, eu queria obter este mestrado em administração, pra poder me tornar um diretor (eles podem ganhar salários com até 6 zeros).

É aquilo, você sabe: se sentar atrás de uma mesa o dia todo, intimidando crianças, enquanto se certifica que toda a papelada arbitrária das escolas é preenchida corretamente, de modo que alguém que faz tudo isso merece totalmente o mesmo salário de um desenvolvedor de programas ou engenheiro mecânico.

Então, após pensar muito, e francamente, alguns períodos difíceis na minha vida pessoal, eu saltei fora disso. Eu não poderia continuar. E eu me convenci que (e tinha 24, 25 anos na época), que poderia encontrar maneiras de trabalhar em educação que estivessem mais orientadas em busca de alternativas ou soluções para o problema da educação pública.

Essa foi uma coisa muito melhor para fazer com minha vida ao invés de participar do problema.

Nos últimos três anos eu trabalhei, basicamente, como um professor privado e consultor educacional.

E nesse tempo eu fiz um monte de coisas diferentes. Trabalhei em crianças em um monte de áreas diferentes, com um monte de objetivos diferentes.

Uma das coisas mais importantes que eu me sinto envolvido é em ajudar crianças com problemas de motivação.

Em realmente ajudar estudantes em encontrar o valor na sua educação, para eles mesmos.

Não aquele tipo de motivação: "Vamos tirar um B em Química!". Isso é sobre conseguir algo pessoal do ensino, mesmo que tenha de passar por esse buraco sujo do sistema público.

O sistema de educação pública se baseia em motivação extrínseca. Começa com "ah, muito bem, toma aqui um biscoito", "bom trabalho, ganhou um adesivo", "bem feito", nota 10", "ah, seu boletim tem notas altas, você ganhou um pedaço de papel que lhe credencia a continuar sentado e seguir instruções por 12 anos".

É seu bilhete para outra instituição onde você irá continuar sentado e seguir diretivas por mais 4 anos.

Não há nada orientado à aprendizagem, nada intrínseco sobre tudo isso. Uma das coisas que eu sempre quis fazer era ajudar os alunos a encontrar alguma motivação intrínseca. Eu não consigo encontrar para eles, mas ajudá-los a encontrar. Como eu disse, para obter algum valor naquilo que eles fazem para si mesmos.

Antes de seguir adiante, eu quero deixar algumas coisas claras. Eu não sou tecnicamente um "delator". Como educador eu tenho tido muita sorte em ter conseguido evitar completamente ensinar em escola pública.

Mas, você sabe, eu fui treinado para ensinar com professores de escolas públicas, eu tenho ensinado estudantes em escolas públicas de ensino médio, e, certamente, escolas particulares não são muito melhores. Elas são bastante controladas pelo Estado e reguladas também.

E nos últimos três anos trabalhando como tutor privado eu tenho passado por escolas públicas para reuniões e conversado com professores, e tenho uma boa idéia do que está acontecendo nas mesmas, então, embora eu não tenha vindo diretamente de dentro das escolas públicas (como eu disse, na forma de um "delator"), eu me sinto bastante confortável no que eu sei sobre a educação pública.

Como eu falei antes, eu quase acabei lá. Mas eu tive que mudar meus rumos quando realmente tomei consciência no que estava me envolvendo. Eu disse à mim mesmo na época que poderia encontrar outras maneiras de ensinar, de ter aquele impacto positivo nas vidas de outras pessoas. E eu sinceramente espero que esta série seja uma delas.

E se eu puder fazer com que você permaneça com apenas uma idéia hoje neste episódio de introdução, seria esta: 5 ou 6 anos atrás, quando eu percebi estas coisas que me forçaram a fazer estas (realmente importantes na época) decisões na minha vida, sobre o caminho que eu iria seguir profissionalmente, que me forçaram a sair do que era na época algo bastante confortável (e um plano bem pensado), todas essas coisas que me ajudaram a tomar esta decisão, ou que foram poderosas o suficiente para me tirar do que eu estava fazendo, à medida que eu segui adiante em um caminho diverso, eu me dei conta que todas essas coisas tão significativas, mal arranhavam a superfície da verdadeira imoralidade e destruição da educação governamental.

Escavar e identificar o que a escola faz às pessoas é muito importante, mas, acima de tudo, esta é uma série sobre a busca de soluções para esse problema.

<http://www.schoolsucksproject.com/podcasts/2>

Primeiro episódio - "The 'Business' Plan" ("O 'Modelo' de Negócios").

Transcrição (também na íntegra e traduzida):

Spoiler:

Pergunta de pensamento crítico (lembra delas?) - por que algo que é tão bom, pra tantas pessoas, que muitas delas irão se beneficiar enormemente, precisa ser imposto a esses mesmos indivíduos com o uso da força? E, por quê, se é tão bom, também precisa ser fundado com o uso da força?

No ano passado eu me tornei vice-presidente de uma pequena companhia de consultoria e ensino acadêmicos em New Hampshire. Pode-se dizer que a empresa era nova, na verdade reestruturada de uma existente que não estava realmente sendo usada para coisa alguma, por isso tivemos de passar por este processo de reinvenção e tivemos uma série de discussões sobre modelos de negócios, uma espécie de descobrimento de uma abordagem criativa que deveríamos tomar para oferecer nossos serviços de uma forma que fosse competitiva com outras empresas que estavam fazendo coisas semelhantes.

E, vocês sabem, eu sempre fui, bem... sempre me considerei um pouco estudante de Albert Einstein, não quando se trata de física, não mesmo, mas na maneira que ele abordava os problemas, e esse tipo de pensamento é provavelmente a razão principal pela qual ele acabou sendo mais do que um balconista.

Ele olharia um problema e tentaria identificar os obstáculos no seu caminho, ou as regras que estariam evitando que ele alcançasse uma solução. E ele se perguntaria: e se não houvessem obstáculos, ou regras? E uma vez que ele identificasse os regulamentos, ele os quebraria e buscaria uma solução.

E uma vez obtida a solução, ele trabalharia de maneira contrária para identificar uma maneira de "dobrar" essas mesmas regras.

Em outras palavras, as soluções para os problemas que podemos imaginar, uma vez que fizemos isso, podem servir como motivadores poderosos para nos debruçarmos novamente nos regulamentos e obstáculos e descobrir uma maneira de superá-los.

Última edição por Truman : 26-03-2011 às 21:50

Truman

Membro

Autor do tópico

● ● ● ●

THE END.

Registro: May 2008

Mensagens: 4.825

Verdinhas: 510

Spoiler:

Inicialmente, sem uma solução em mente quando nos deparamos com esses mesmos regulamentos e obstáculos, apenas desistiríamos.

Mas já tendo o fim, a solução apresentada, podemos desenvolver a motivação para encontrar maneiras de burlar obstáculos.

Então, sempre que olho para um problema que pareça complexo e que não possa ser resolvido, eu me pergunto: "E se não houvessem obstáculos?", e eu sempre tento fazer isso toda vez que tento fazer qualquer coisa criativa, ou como eu disse, qualquer coisa relacionada à resolver o que parece ser um problema complexo.

Então, quando observei o modelo de negócios, me perguntei: "E se não houvessem regras?", e essa maneira de pensar pode ser usada para conseguir muita coisa boa, mas hoje, apenas para ilustrar algo, vamos usar essa forma de pensamento para o mal.

Deixem-me explicar o que quero dizer: eu parei pra pensar se, nesse experimento interessante de idéias, além de não haverem regras para mim, e se eu não tivesse nenhum código de ética para me guiar, na busca do desenvolvimento de um serviço educacional?

E eu gostaria de compartilhar o que eu consegui pensar e o que talvez você poderia fazer, é, tentar identificar algum problema nesse quesito.

Então, vamos lá, aqui vou eu - isento de regras e obstáculos, e éticas em decência humana. Começando meu novo negócio.

O que eu quero fazer é oferecer meus serviços como educador em uma certa região. Então eu vou lá, pego minha prancheta, um bloco de notas, alguns lápis afiados, e começo a ir de porta em porta na área onde quero oferecer meus serviços.

Quando alguém me atende eu respondo e digo o que estou tentando fazer, e pergunto: "Quanto você acha que sua casa vale", e, considerando onde eu vivo, diria que o preço médio de uma é de 450 mil dólares, então supondo que seja essa a resposta.

Eu digo: "OK, ótimo, isso é o que vamos combinar: duas vezes por ano eu irei enviar uma conta baseada em míseros 1% do valor da sua casa, e então, meu serviço educacional estará disponível para você, por fáceis e imediatos 9 mil dólares por ano você pode ter acesso à tudo que eu faço."

*Bam! Vamos descontar logo esse cheque. Bem, como vocês pode imaginar, este poderia ser o primeiro lugar onde encontraríamos um problema, porque talvez eles digam: "'Hmm, não tem problema, enviaremos nosso filho/filha para um colégio particular na outra cidade", ou talvez sejam uma dessas pessoas que queiram optar pela educação domiciliar (**homeschool**) dos filhos, ou um complicador bem maior para mim, como não ter nenhum filho.*

Todas essas situações que acabei de descrever, mesmo para o homem de negócios mais ambicioso, parecem inviabilizar acordos. Se, claro, eu ainda estiver sendo guiado por alguns códigos de ética, ou decência humana. Mas não estou. Então, vamos para a "segunda fase".

Além dos objetos que descrevi, como prancheta, lápis, e outros, eu também preciso contratar alguns homens para me dar cobertura com armas, que não precisam ser sacadas e apontadas para as pessoas, apenas deixadas à mostra.

E eu me certificaria que a pessoa que estivesse negociando, visse as mesmas, e eu daria um passo mais próximo, e diria: "Escuta, neste momento, toda esta interação aparenta ter uma "máscara" de civilidade, e eu gostaria que continuasse desta forma. Mas se você não concordar em me pagar 9 mil dólares duas vezes por ano, estes homens irão sacar suas armas, apontar para

você e te ameaçar, e então, te forçar a ser retirado da própria casa, e vendê-la."

E, sabe, talvez porque eu seja um ser humano tão desprezível, eu posso adicionar um pouco de insulto à injúria, dizendo algo, tipo: "Você deveria se envergonhar, resistindo à mim desse jeito".

"Poxa, eu estou tentando fornecer um serviço aqui pelo bem comum desta comunidade, como você OUSA achar que não precisa pagar pelo meu serviço, só porque não quer usar. Ora essa, não seja egoísta, isso é para as crianças".

E, embora tudo isso pareça meio severo, eu acho que a história irá demonstrar que a maioria das pessoas de certa maneira se acostumam com esse tipo de tratamento.

E não é apenas um passeio tranquilo numa rua pacata, para mim, tentar levar adiante este negócio. Às vezes meus capangas podem ter que atirar em alguém que não quer entregar seu dinheiro, e é tão resistente à idéia de roubar sua casa e colocar as crianças fora de casa porque não querem aceitar, então, algumas balas precisam ser disparadas. E o que fazemos agora? Fase número três.

Será também importante uma vez que tivermos este serviço em prática e que estivermos forçando crianças nele, que existam lições dentro do currículo sobre o que estivermos fazendo, sobre o quão bons nós somos, de maneira que quando as pessoas "resistam" a nós, ou não queiram seguir o que quisermos, elas é que sejam vistas como as vilãs.

Sejam tidas como insanas, por não querer participar deste serviço para as crianças. O que há de errado com isso?

Estas são, essencialmente, as três fases deste modelo de negócios. E você pode estar se perguntando: "Ei, devem haver mais "fases" que essas, você nem abordou como irá oferecer um serviço de qualidade ou quais serão os recursos utilizados, ou como você irá se assegurar que as pessoas estão satisfeitas, ou como pode se certificar que elas sejam realmente educadas - tudo isso é importante, também."

Hahaha! Não para nós!

Nós estamos criando tudo isso com a ameaça da força. Se as pessoas não quiserem entregar o próprio dinheiro, e então, dar suas casas, vamos atirar nelas.

Então, de que maneira elas podem barganhar, ou reclamar, é "dinheiro ou casa", "sua casa ou sua vida". Então por que perderíamos um segundo nos preocupando com a qualidade do que estão fazendo, não há como não sermos pagos.

E à medida que você me escute descrever este modelo ficcional de negócios, provavelmente deve ter imaginado: "O que há de errado com você, nunca te imaginaria fazendo isso". Eu concordo com você e garanto que nunca faria.

Deixe-me dizer algo mais sobre mim, e, espero que vocês gostem disso também: eu simplesmente acredito que seria errado, e usaria a palavra "imoral", para mim, utilizar a força contra outra pessoa ou sua propriedade. Ser um agressor. Obviamente isso incluiria violência, e ameaças de violência, bem como roubo. E com roubo, eu incluiria fraude. Basicamente, qualquer situação onde eu estou tomando dinheiro de alguém.

Bem, não oferecendo um entendimento claro, basicamente, de um contrato que ambos concordássemos, sobre o que eu, o recebedor, faria para a outra pessoa, o doador, em troca deste mesmo dinheiro. E, claro, enganando ele, também, seria fraude. Eu considero tudo isto imoral.

E adicionaria mais um cenário: se eu roubar alguém, e após o roubo eu criar a ilusão ou aparência de estar executando um serviço para essas pessoas, isso ainda é roubo, tipo, bater sua carteira, e descobrir onde você vive, e usar o dinheiro dentro dela para remodelar sua cozinha. Ainda assim, roubo. Certo? Agora seria roubo + violação de domicílio.

E se eu remodelar sua cozinha de uma maneira que você não goste, seria roubo + violação de

domicílio + vandalismo, não havendo, portanto, mágica em criar um serviço após o fato como justificativa para executar o roubo. Não está certo.

E várias pessoas devem estar dizendo: "Brett, essa é uma forma de decência humana que você está descrevendo aí". Bem, é aí que a trama se complica um pouco.

Mesmo que o que eu irei afirmar seja incrivelmente simples, e deveria ser óbvio para qualquer um que queira admitir, quando se trata deste princípio de não-agressão, que, eu sei, deve ser um princípio pelo qual minha vida seja guiada, eu também sei que deveria ser um princípio na vida de qualquer outro indivíduo do planeta Terra.

Não podemos viver num mundo onde este não seja o caso. Em outras palavras, eu acho que é totalmente absurdo permitir regras especiais de algum tipo de relativismo moral, para algumas pessoas violar este princípio se tiverem certos "títulos", roupas, ou se sentarem num certo escritório, ou tem milhões de pessoas encorajando as mesmas a violar o princípio de não-agressão. Isso não faz nenhum sentido, quando você pensa a respeito.

Mas esse não é um problema moral, e sim de segurança. Deixe-me oferecer mais razões práticas do porquê eu penso que não hajam regras especiais e relativismo moral, ninguém obtém um passe para se utilizar de força contra outras pessoas. Por que é perigoso?

Vamos supor que hajam dois grupos de pessoas. Um desses grupos basicamente segue e acredita neste princípio de não-agressão. A maioria das que você conhece provavelmente são assim. Quase todas elas.

E há outro grupo que por razões mágicas obtém um passe, e não precisam aderir ao princípio de não-agressão, podem por vontade própria, utilizar de força, nos outros, por quaisquer razões que acreditem necessário.

Mesmo se o grupo seja excusado por qualquer motivo desconhecido de seguir o princípio de não-agressão, mesmo se aquele grupo é uma pequena fração do grupo de pessoas que acreditam que é no seu próprio interesse não aderir à violência, enfim, mesmo se o grupo agressor é uma pequena fração do grupo maior, o que irá acontecer no passar do tempo, e, talvez leve um dia, talvez algumas semanas, ou mesmo alguns anos (o que é improvável), o que irá se desenvolver, e acredito muito rápido (e a história irá me apoiar nessa linha de pensamento) é uma grande disparidade de poderes entre o grupo que aderiu ao princípio de não-agressão e o grupo daqueles que por um motivo qualquer acham que é aceitável praticar violações quando achem necessário.

Imagine o quão seria mais poderoso o grupo que poderia se valer da utilização de força às custas do outro grupo. Outra coisa que a história irá demonstrar, de maneira bastante consistente, é que o poder não é algo bom. Muitas pessoas falham em reconhecer isto, mas, a maioria delas, quando obtém poder, reagem de maneira similar àquelas que ficam bêbadas.

Seu julgamento é afetado, e elas querem mais e mais à qualquer custo. E normalmente começarão a se agarrar em racionalizações desesperadas do porquê precisam de mais poder sobre as outras. Dirão às outras que já estão exercendo poder, para obter mais liberdade ou servir às outras melhor, pra isso nos dê mais poder.

É uma doença bizarra e destrutiva, este poder. Então, pra resumir esse modelo de negócios que eu vinha comentando, felizmente haviam alguns problemas com ele, e eis os que eu vejo:

O número um, é que é imoral. Imoral para mim iniciar o uso de força contra outras pessoas, mesmo se eu alegar que preciso fazer isso para poder fornecer à elas o serviço. Acho que ilustrei como essa linha de raciocínio é insana. Mesmo se eu tivesse um plano à prova-de-balas, brilhante, que eu soubesse que seria tão bom para milhões e milhões de pessoas, eu não tenho mesmo direito de forçar minha vontade sobre alguém.

A melhor coisa sobre um plano realmente brilhante, ou um serviço de qualidade soberbo, é que as pessoas irão atrás dele. Voluntariamente. Não precisa ser imposto nelas.

E isto nos trás ao segundo problema. O problema dos incentivos. Se estou forçando os outros a

pagarem pelo meu serviço, eu careço totalmente de incentivos para assegurar que o serviço tem qualquer qualidade.

Se um negócio quer se manter vivo, precisam responder aos sinais que o mercado está mandando. Certo? Se o mercado me diz que meu produto é muito caro ou a qualidade não é boa o suficiente, eu tenho que adaptar, fazer uma mudança, torná-lo melhor, mais barato, ou mais competitivo, ou incluir mais recursos.

O número de "sinais" que o mercado me retorna, é muito grande. Mas, se eu estou extraindo dinheiro à força dos meus "consumidores", eu não recebo sinais do mercado, porque o dinheiro vem de qualquer forma. E se eu posso usar a força, sempre posso garantir que haverá mais dinheiro e o que provavelmente acontecerá ao longo do tempo é que, à medida que os custos aumentem, a qualidade, estranhamente, irá na verdade... piorar.

O terceiro problema, a utilização primeiramente de poder. No início eu disse que estava engajado em um modelo de negócios que não tinha obstáculos. Certo? Então, basicamente o que tenho é um monopólio sobre o uso da força na visão perfeita do obstáculo ou impedimento do plano de negócios gratuito.

E ninguém pode me deter de iniciar o uso de força contra outras pessoas. E também ajuda eu estar no comando da própria educação, certo? Então eu posso moldar as percepções das outras pessoas de mim mesmo, logo, com o tempo, e talvez leve alguns anos, talvez algumas gerações, eu, o agressor violento, posso fazer com que pareça ser o cara legal.

E quando as pessoas tentarem se defender contra mim - como eu disse antes - elas é que estão fazendo algo errado. Então, o quanto mais isso se prolongue, e o quanto mais pessoas são treinadas para consentir, minha violência se tornaria invisível.

Isso não é assustador?

E se eu inserir a propaganda de maneira correta através do currículo de qualquer tipo de educação que estivesse tentando entregar, eu provavelmente convenceria as pessoas que elas estão participando em tudo isso... voluntariamente.

Porque todos os incentivos estão lá para elas acreditarem nisso. Porque as pessoas não querem acreditar que são escravas ou vítimas, ou que estão sendo agredidas, ou que não tem controle sobre o que está acontecendo com uma certa porção do seu dinheiro.

Então elas iriam querer participar nesta ilusão de um relacionamento voluntário, entre a minha pessoa, o violento provedor de serviços educacionais, e elas, as vítimas. E eu poderia usar isso para colocar em prática todos os tipos de outros "serviços" que eu poderia encontrar através desta coerção, que pra maioria das pessoas fosse invisível, e não precisar retornar nada para elas de qualquer qualidade.

Agora, se esses três problemas com esse modelo de negócios, que acabei de apontar, não são suficiente, bem... tem mais um. Um bom modelo de negócios também deveria ser original. E o que venho descrevendo pra você pelos últimos 20 minutos está longe de ser uma idéia nova. É assim que o governo nos Estados Unidos tem gerenciado o serviço de educação por um século.

E também acho válido ressaltar que durante todo este podcast eu tenho usado dois termos errôneos repetidamente. O primeiro é a palavra "negócios". Fazer negócios implica em duas ou mais pessoas engajadas em um relacionamento voluntário. Uma transação benéfica para ambas, onde as mesmas concordam em certos termos, assim como prosseguir com o que queiram fazer.

E vamos ser bem claros quanto a isso: o que um estuprador faz não é se relacionar, e o que os governos fazem não é negociar. O outro termo errôneo é a palavra "serviço". Como eu disse antes, se eu remodelasse sua cozinha com dinheiro roubado da sua carteira, e você não quisesse isso feito, ou não precisasse, e nem gostasse da maneira que eu fiz, isso não seria um "serviço", apenas um furto.

Porque eu tomei dinheiro seu, que você talvez quisesse usar pra outra coisa. Talvez pra dar a

alguém pra fazer outro serviço, que realmente precisasse ser feito. E eu não tenho direito, só porque fiz com o dinheiro roubado seu, de chamar isso de serviço, ou alegar que eu sirvo à você. Não se pode forçar serviços às pessoas, isso não faz sentido.

Quando o governo toma conta do monopólio da oportunidade de fornecer um bem público, mesmo que pareça funcionar, mesmo que pareça ser algo bem feito, eu encorajo você a não pensar tanto como um serviço, mas um bloqueio na estrada, ou impedimento do que poderia por ventura ser uma maior e mais inovadora e próspera indústria.

E quando o provedor de serviços tem um monopólio, quando não há competição, qual é o incentivo em garantir a qualidade? Não há nenhum. E lembre-se também que mesmo que hajam algumas alternativas para algo que o governo basicamente monopoliza, é realmente quase impossível competir com a ilusão que o serviço prestado pelo governo é gratuito, embora eu acredite que tenha demonstrado que os serviços governamentais são os mais caros de todos.

Os custos só irão aumentar, não há sinais do mercado, não há motivo para os preços caírem, porque as pessoas não tem direito de voz se podem deixar ou não de dar dinheiro.

No começo do episódio eu lancei uma pergunta de pensamento crítico, algo na linha de "por que algo que é tão bom precisa ser imposto à você com utilização de força". E após observar o sistema de educação pública na América através das lentes deste ficcional modelo de negócios, um modelo que seria completamente repreensível se um indivíduo tentasse executá-lo, eu espero que essa pergunta tenha sido respondida.

Todos os dias, pelo planeta, as pessoas saem e voluntariamente trocam dinheiro por coisas que são boas para elas, como doces, pastas de dentes, roupas, automóveis, sapatos, sem serem forçadas a fazer nada disso. Se algo é bom para você e você irá se beneficiar, esta é uma decisão que você faz, e nenhuma força é necessária.

Se o sistema público de educação realmente fornecesse educação, se realmente fosse eficiente, as pessoas teriam fundado o mesmo voluntariamente. Enviariam suas crianças de maneira voluntária, mas hoje, ambos os fins são obtidos através do uso de força. E quando algo é forçado para você e os seus filhos, esta é uma boa indicação que não é bom para ambos.

Eu espero que a ilustração deste modelo de negócios tenha ajudado em demonstrar como a educação pública ou governamental suga a capacidade de produção de pessoas trabalhadoras. E este é apenas o começo, meus amigos. Mal arranhamos a superfície até agora sobre o que este sistema faz às mentes de crianças. Mas iremos fazê-lo.

Última edição por Truman : 01-04-2011 às 15:24



24-03-2011 20:04

#9

wax

Membro



Registro: Jan 2009
Mensagens: 917
Verdinhas: 106



Muitas coisas não funcionam da maneira como gostaríamos.

Vou dar um exemplo meio off: Existem mais advogados tentando melhorar as leis ou tentando se aproveitar de suas brechas?

@: Na minha opinião, nada que prejudique somente o sujeito deveria ser proibido. Desde usar drogas até deixar de ir à escola. É claro que se a pessoa se tornar um bandido por conta de uma dessas coisas, ela deveria ser punida como bandido, e não como drogado ou analfabeto.

Pra mim faz sentido que haja escolas porque eu não sei tudo, se eu tivesse um filho não seria possível ele

aprender comigo tudo o que seria possível ele aprender com professores especialistas em cada assunto. Sabemos que na prática não é assim que funciona. Nas escolas há o risco de um aluno não se interessar por nada e apenas ir por ir.

O que eu acho que seria adequado, é não haver a obrigatoriedade de matricular as crianças. Tirando os desinteressados, o rendimento dos demais provavelmente subiria.

Por outro lado, do ponto de vista das crianças que sairiam da escola, acho balela o pensamento de que "sem escola não há futuro". Por exemplo, um dos caras mais ricos do mundo, o Carlos Slim, simplesmente não sabe usar um computador.

Se gostou do que leu, dê uma verdinha.  ----->



31-03-2011 10:42

#10

sugar

Membro



Registro: Apr 2009
Mensagens: 2.615
Blogs: 2
Verdinhas: 204



O espírito da lei que estabelece a obrigatoriedade de matrícula em escola é o de impedir a ploriferação do analfabetismo e da exploração do trabalho infantil, o que não parece ser a realidade dessa família.

Agora vejamos a realidade das escolas públicas brasileiras; Professores mal pagos, mal formados e desestimulados dão aula para alunos desinteressados que por sua vez passam de ano por aprovação automática.

Sem contar que muitas vezes as instituições de ensino público são verdadeiros habitats de marginais, tomo como exemplo a minha cidade, onde duas torcidas rivais se infiltraram nas escolas e agora todo mês os alunos se encontram no meio da rua para brigar com socos, canivetes e armas de fogo.

A angústia é a única fonte da criação



31-03-2011 19:33

#11

Truman

Membro

Autor do tópico



THE END.
Registro: May 2008
Mensagens: 4.825
Verdinhas: 510



<http://www.schoolsucksproject.com/podcasts/3>

Segundo episódio - "The Pavement On the Road to Hell"

Transcrição em inglês e imprecisa (pra futura tradução):

<http://textsave.de/?p=56350>

Transcrição (em andamento):

Spoiler:

Pergunta de pensamento crítico (e sim, esse será um tema recorrente): essa é uma daquelas perguntas que seus professores disseram que você poderia pular nas tarefas de casa, e esta terá várias partes:

- Parte um: o que você acharia de uma pessoa que afirma ter a habilidade de fazer planos para a vida de outra pessoa que nunca teria encontrado antes e nem sabia nada a respeito?

- Parte dois: o que você acharia de uma pessoa que afirma ter a habilidade de fazer planos para a vida de dez pessoas que nunca teria encontrado antes e nem sabia nada a respeito?

Parte três: a mesma pergunta, mas para 100 pessoas. Parte quatro: a mesma pergunta, mas para 1.000 pessoas. Parte cinco: vamos colocar logo um milhão?

E parte seis: por que muitos de nós seguimos estes tipos de pessoas?

Bem-vindo ao episódio dois do SSP, "The Pavement On the Road to Hell". A referência por trás do título deste episódio é uma que me agrada bastante, há algumas pequenas variações atribuídas a algumas pessoas diferentes, de que o caminho do inferno está pavimentado de boas intenções.

E iremos utilizar esse título hoje para explorar sobre os paralelos associados em deixar outras pessoas governar importantes aspectos das nossas vidas.

Na maioria dos aspectos das nossas vidas, estamos constantemente na busca de (e exigindo) coisas melhores. Queremos tecnologias melhoradas, melhores filmadoras nos celulares, papeis higiênicos mais finos, diferentes sabores de sorvetes (inclusive misturados). Queremos alternativas na venda da esquina, de lugares pra sair e comer, programas na televisão - estamos sempre engajados em uma busca na qualidade de consumidores.

Mas por quê essa procura é subitamente suspensa quando se trata da questão de como alguns dos mais importantes aspectos de nossas vidas deveriam ser gerenciados por outras pessoas? Ou ainda melhor: SE eles deveriam ser gerenciados por outras pessoas, em absoluto.

Como consumidor, você deve ter notado que a maioria das exigências que acabei de falar são atendidas. E embora eu esteja satisfeito que elas tenham sido atendidas, as coisas que eu listei são triviais, comparadas com outros serviços como educação. E como consumidores, devemos estar atentos em como pessoas incentivadas de maneira correta respondem às nossas demandas e necessidades.

A medida que sentamos em frente à TV, zapeando 200 canais de alta-definição, comendo nosso biscoito de sabor favorito, descansando confortavelmente, sabendo que temos à nossa disposição a toalha de banho de tecido mais agradável, por quê cargas água olhamos a maneira que nossas vidas são gerenciadas por desconhecidos, e dizemos: "Ah, tá tudo bem, contanto que mudemos de desconhecidos uma vez ou outra...".

É estranho, não? Talvez deveríamos tentar aplicar este problema a algo que pensamos mais regularmente, como comida. Aqui no estado americano de New Hampshire, temos uma mercearia/venda chamada "Mos" com sanduíches italianos. E da última vez que chequei, eles tinham esse item no menu. E isso está OK, considerando toda a competição e lugares alternativos

à "Mos". Tem restaurantes com sanduíches, pizzas, de comida chinesa, etc. Várias alternativas para pessoas com fome.

Mas se a mercearia "Mos" tentasse funcionar como a única na cidade com sua lista de opções num raio de 150 km, isso não seria correto. E além disso, se tentassem funcionar como a única mercearia (a única mesmo), se quisessem continuar no mercado teriam que começar a responder às exigências dos consumidores, porque as pessoas começariam a vir achando que essa seria uma mercearia que vende de tudo, constatariam que não haveria nada lá além de ingredientes para fazer sanduíches italianos, e diriam: "Peraí, eu quero peru! Quero ovos! Quero papel higiênico!, pelo amor de Deus, se isso aqui é uma venda", e "Mos" teria que responder se quisesse continuar no mercado ou permanecer competitiva com outras pessoas que quisessem oferecer esse serviço.

Mas, vamos formular uma hipótese aqui: "E se essa mercearia ficcional chamada "Mos" começasse a se escorar nesse modelo de negócios que eu explorei no último episódio/podcast, onde estão tomando dinheiro das pessoas pela força (ou ameaça de) visando manter seu negócio ou serviço funcionando? Nesse caso, espero que você esteja disposto a encarar um salame.

Sobre a educação pública (e sendo totalmente justo), ela não é totalmente ruim como essa mercearia ficcional que eu acabei de descrever no meu exemplo, certo? Já estive em reuniões de escolas públicas e vi as pessoas tentando fazer individualizações, acomodações e modificações para certos estudantes. Também existem maneiras de você se envolver e fazer com que sua voz seja ouvida. Pode escrever cartas para pessoas no quadro de ensino, pode comparecer à reuniões de pais e mães, ou pode ficar em casa se quiser economizar gasolina, e bater na cabeça com uma frigideira, o que também te dará a mesma sensação de realização.

Mas vamos supor por um momento que existam opções dentro do ensino público. Ainda assim são alternativas **DENTRO do ensino público**. Isso é importante. Mais uma analogia relacionada à comida: digamos que você vá a um restaurante, se sente à mesa, um garçom chegue até você e nem pergunte se você quer ver um menu, ou o que está a fim de comer, e diga: "Quer saber, você irá comer a salada".

Mas se a pessoa (o consumidor) não quiser a salada, essa é uma decisão sendo feita com o conhecimento que todos temos quando vamos a um restaurante. Que há um grande espectro de alternativas, além da salada. E isso é ainda mais verdadeiro com o espectro de alternativas dentro do ensino público.

Ir à uma escola pública e ser informado que você tem opções dentro daquela escola, criando-se alternativas dentro de escolas como bolsas de estudo (vouchers), é como ir a um restaurante com o menu mais caro que você já viu, e se ver forçado a comer salada.

E ser dito que você deveria ficar feliz porque tem como escolher entre galinha ou picanha.

Então, me deixem lançar isso para a questão do ensino público: e se não houvesse um sistema? E se... **NÃO HOUVESSE** um sistema?

Tipo, se vocês pensarem dos outros meios que as pessoas utilizam pra se educar, imaginem se houvesse uma revista com tudo que se quisesse incluir nela? Imagine se houvesse uma livraria também para se concentrar tudo, um computador, ou mesmo uma página da internet?

Isso seria totalmente inadequado. Mas a maioria das pessoas vieram aceitar a idéia de que isso não é apenas possível, mas preferível, para a educação.

E eu garanto que há alguém ouvindo este podcast e dizendo: "essas comparações são absurdas, esse cara está comparando educação com sanduíches e saladas".

Mas eu estou tentando ilustrar algo muito importante, e estou tentando "acender" uma pergunta na sua mente. Por quê cargas d'água aceitaríamos estas limitações e soluções concentradas, para algo tão importante como educação, que nunca aceitaríamos para algo importante como comida?

E eu talvez deva levantar também a questão: alguém já aceitou estas soluções concentradas para algo importante como comida? E se eu respondesse que sim, então você perguntaria: "Quais

foram os desdobramentos para essas pessoas?".

Eu usarei como exemplo para esse cenário, com sua permissão, o país da China durante o século 20. E eu admito de cara que esse é um dos exemplos mais extremos dos horrores do planejamento central.

Entre o final dos anos 1950 e começo dos anos 1960, o líder chinês, Mao Tse-tung, introduziu o que ele achava ser um plano bem-intencionado, para converter a China, que tinha centenas de milhões de pessoas até então, de uma sociedade agrícola para outra moderna e industrializada.

Mao bolou um plano que chamou de "O Grande Salto Adiante", cheio de boas intenções. Para levar esse plano adiante para centenas de milhões de pessoas em um curto período de tempo, tipo 5 anos, o resultado foi 43 milhões de mortes em decorrência da fome.

O plano de Mao foi baseado na Teoria (marxista e bem-intencionada) de Forças Produtivas, que especificava que o governo precisava intervir de modo a trazer mudanças sociais positivas para as pessoas. Também bastante predominante na Rússia soviética.

Então, por que esses planos falharam, apesar de serem tão cheios de boas intenções?

Quando eu digo "O Grande Salto Adiante", você não imagina um livro do escritor americano Tony Robbins, mais que 40 milhões de pessoas morrendo de fome?

Tem um livro que sou fã chamado "Ideas That Changed the World" ("Idéias Que Mudaram o Mundo"), de Felipe Fernandez-Armesto. Tem 301 páginas, e umas 4 ou 5 páginas contêm boas idéias.

O que diz muito sobre os tipos de pessoas que ajudaram o poder através da história, e os tipos que tiveram o privilégio de sussurrar pequenas idéias em seus ouvidos.

Na página 250, você encontrará o título "Neverland" (Terra do Nunca), e o subtítulo "The Utopian Idea" (A Idéia Utópica). Eu vou ler um pequeno trecho da mesma: "O Estado sempre tem um papel igual a ser desempenhado na sociedade".

Para aqueles que acreditam na igualdade natural de tudo, o Estado está lá pra garantir isso. Para aqueles que não acreditam, tem um papel moral, nivelando o campo de atuação, restabelecendo os desequilíbrios entre o forte e o fraco, o rico e o pobre.

Contudo, a idéia de que esta função do Estado supera todas as outras em matéria de importância é perigosa, porque igualdade [?] às custas da liberdade pode ser algo tirânico.

"Utopianos" normalmente demonstram uma fé desviada no poder/capacidade da sociedade em melhorar os seus cidadãos. Eles querem que todos cedam à ditadores guardiões, computadores intrusivos, teocratas sabe-tudos ou sábios paternalistas, que pensam por você, regulam sua vida em excesso, e esmagam ou adaptam você pra que se conforme confortavelmente.

As aproximações mais próximas no tocante à realizações duradouras de visões utópicas no mundo real foram construídas no século 20 pelos bolcheviques e nazistas.

A busca por uma sociedade ideal é como a busca pela felicidade. É melhor viajar esperançoso, porque a "chegada" traz desilusão ou algo pior.

Em outras palavras, o caminho para o inferno está pavimentado por boas intenções. E o caminho para o inferno está pavimentado com planos centralizados.

E eu levaria (e levaria a sério mesmo) as duas primeiras frases nesse parágrafo. A citação "o Estado está lá pra reforçar a igualdade", apontado como algo que algumas pessoas acreditam, é uma idéia completamente ridícula.

O Estado não é uma coisa. A palavra "estado" significa uma agregação de indivíduos, de pessoas, certo? Então, se um pequeno grupo consegue impor sua vontade, agenda ou planos em um

número elevado de pessoas, **ISSO NÃO É IGUALDADE**.

A existem alguns ingredientes importantes nessa receita para desastre. O primeiro é um grupo muito, mas muito pequeno de pessoas, bolando os planos.

O segundo ingrediente é um número grande de pessoas no qual esse plano será posto em prática. E o terceiro é o quão o primeiro grupo está "desconectado" com relação ao segundo.

A situação ideal para uma pessoa fazer planos para outra seria você bolar um plano para... você. À medida que o grupo que bola os planos se torne menor e o grupo aceitando os planos se torne maior, e se constate cada vez mais o quanto os dois grupos não estão interligados, você chegará cada vez mais próximo do "Grande Salto Adiante".

E o fim da linha não precisa ser a fome, pode ser um número de coisas diferentes. Vamos tomar como exemplo a América, OK? O planejamento central nos Estados Unidos tem experimentado fracassos sob fracassos em cima de fracassos (e eu não vou me estender pois isso daria assunto pra uns 10 episódios sobre o fracasso de alternativas políticas em planejamentos centrais, para problemas complexos).

Te darei um exemplo: planejamento urbano. Buracratas de classe-média e bem-intencionados e empenhados altruístas visitaram áreas urbanas em lugares como Nova York e Filadélfia, e disseram: "Meu Deus, isto é terrível, nos subúrbios do condado de Westchester temos [?] e parques para as crianças brincarem, e isso é bom para nós. Então, o que é bom para nós também será para essas pessoas."

Então, o que elas decidiram fazer foi basicamente destruir todas essas vizinhanças urbanas, onde todo mundo conhecia todo mundo, [?], o dono da mercearia podia ver o pequeno Jimmy brincando pelas ruas e então avisar à mãe dele se ele fizesse algo de errado, quando ela iria à loja (e ela sempre aparecia às 5 da tarde, pois vivia na rua próxima).

E haviam essas comunidades apertadas que, vá lá, não eram a melhor coisa, não eram tão bonitas assim pra se admirar, e talvez houvesse alguma violência ou acontecimentos a se lamentar nessas áreas.

Porém, os planejadores urbanos vieram e destruíram essas comunidades e construíram edifícios de concreto enormes, onde concentraram todos esses ex-moradores um em cima do outro, para que não conhecessem mais as outras, não interagissem com elas, e isso permitiu todos os tipos de planos para se construir parques agradáveis, mas infelizmente eles apodreceram porque encontros [?] não foram considerados parte da comunidade ou vizinhança habitada. Então eles estão agora onde o adulto Jimmy vende drogas.

O planejamento urbano destruiu comunidades, porque acharam que sabiam o que era bom para as pessoas que sequer conheciam. Mas pelo menos na América os políticos, burocratas e planejadores centrais precisam fingir se importar com algo que é considerado importante para as pessoas que vivem ali, que é individualismo, liberdade pessoal.

E isso com certeza é um obstáculo inconveniente para várias coisas que querem fazer, mas eles pelo menos tem que fingir que acatam essas idéias. (continua - 16:35)

Última edição por Truman : 13-04-2011 às 18:39



Até a pior escola do mundo é melhor que *home schooling*.



Registro: Mar 2011
Mensagens: 1.562
Verdinhas: 507



01-04-2011 12:50

#13

Colher

Membro



Registro: Jan 2003
Mensagens: 5.257
Blogs: 7
Verdinhas: 69



Home Schooling pode até fazer com que seus filhos aprendam as matérias que se ensina nas escolas normais, mas não ensina o mais importante que se aprende nesses lugares: convívio social.

"Que se foda! Eu quero um mundo melhor."
Epitáfio de Jenny Sparks, o espírito do século XX.



03-04-2011 23:21

#14

sugar

Membro



Registro: Apr 2009
Mensagens: 2.615
Blogs: 2
Verdinhas: 204



Por não possuir habilidade e conhecimento suficientes, jamais praticaria o ensino domiciliar, contudo não vejo problemas no fato de alguém que possua habilidade o faça (alguem com diploma em pedagogia, sei lá), principalmente quando se mora em localidades de difícil acesso.

A instituições educacionais brasileiras perderam o rumo, nas escolas particulares o jovem não desenvolve o senso crítico, só faz engolir matéria pra fazer prova e copiar trabalhos do google. Nas públicas é pior, falta professor, falta material, falta merenda, falta tudo.

A angústia é a única fonte da criação



04-04-2011 17:02

#15

Truman

Membro

Autor do tópico



THE END.
Registro: May 2008
Mensagens: 4.825
Verdinhas: 510



Educação gratuita: direito ou obrigação?

Pelos vistos, no Brasil, o Ministério de Educação questiona a [constitucionalidade da educação domiciliar](#). Insiste que o ensino doméstico viola o direito de todos à educação gratuita e que os pais que optam por este regime correm o risco de acusações de abandono intelectual, crime que prevê detenção de 15 dias a um mês, além de multa.

Eis a resposta de Olavo de Carvalho:

Desde logo, um direito que, sob as penas da lei, se imponha ao seu alegado beneficiário como uma obrigação, não é de maneira alguma um direito. Direito, como bem explicava Simone Weil, é obrigação reversa: se tenho um direito, é porque alguém tem uma obrigação para comigo. Ter direito a um salário é ter um empregador que está obrigado a pagá-lo. Se, ao contrário, sou eu mesmo o titular do direito e da obrigação de satisfazê-lo, é claro que não tenho direito nenhum, apenas a obrigação.

É assim que os luminares do MEC entendem a educação gratuita: as pobres crianças brasileiras, por serem titulares desse direito, são obrigadas a engolir a cafajestada estatal inteira que se transmite nas escolas, sob pena de que seus pais sejam enviados à cadeia. Isso não é um direito: é uma imposição e um castigo. Para sofrê-lo, basta ser criança e inocente.

(...)

Qual o nexó lógico... entre a obrigação estatal de garantir isto ou aquilo e o direito de o governo mandar para a cadeia quem prescindir desse suposto benefício? Desde quando a obrigação de um se converte automaticamente em obrigação de outro, e, pior ainda, em obrigação do titular do direito correspondente? O Estado tem também a obrigação de garantir assistência médica: deveriam então ser processados e presos os cidadãos que recorram a um médico particular, poupando aos cofres públicos uma despesa desnecessária?

(...)

Quanto custa ao Estado a educação de uma criança? Se um indivíduo tem seus impostos em dia e ainda, possuindo dons de educador, dá instrução a seus filhos em casa, cabe ao Estado ser grato ao cidadão exemplar que o auxilia duplamente, com seu dinheiro e com seus serviços, sem nada pedir em troca. Punir essa conduta honrosa é inversão total da moralidade.

(...)

Em terceiro lugar, qual a oposição lógica que... crêem existir entre o homeschooling e o direito à educação gratuita? Imaginam eles que os pais cobram mensalidades dos filhos para educá-los em casa?

Texto na íntegra: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/091023dc.html>

Normal é tudo que a sociedade aceita como pleno e que não a prejudica em seus valores.

Saiu disso, é coisa de louco.

Ou seja, discorde do "stabilishment" que você é louco.

É bem simples.

E um adendo sobre a parte da educação domiciliar - sobre a questão da socialização, isso foi rebatido aqui:

<http://aprendersemescola.blogspot.co...cao-nao-e.html>
<http://aprendersemescola.blogspot.co...ializacao.html>

Reparem que num dos vídeos que postei (na matéria da Globo/Jornal Nacional, que como não poderia deixar de ser, deixa a última palavra com o governo, e esse vídeo eu salvei mas nem encontrei mais na Globo.com), aparece um sujeito que usa esse argumento pra defender o sistema de ensino obrigatório e criticar o ensino domiciliar.

E do texto que postei, do John Taylor Gatto, eu gostei especialmente desse trecho:

Desafie os seus filhos com muita solitude/solidão para que possam aprender a gostar de sua própria companhia, criando diálogos internos.

Pessoas bem educadas estão condicionadas ao pavor de ficar sozinhas, e buscam a companhia constante através da televisão, o computador, o celular, e através de amizades superficiais rapidamente adquiridas e abandonadas. Seus filhos devem ter uma vida mais significativa, e eles podem.

OBS: No texto original a palavra utilizada é "solitude" (coloquei solidão pra não ficar incompreensível), mas solitude é diferente de solidão:

Solitude é o estado de privacidade de um pessoa, não significando, propriamente, estado de solidão.

Pode representar o isolamento e a reclusão, voluntários ou impostos, porém não diretamente associados a sofrimento.

Pode-se lembrar, como estado de solidude, do período em que Jesus se isolou para reflexão.

Veja que nessa matéria:

<http://www.msnbc.msn.com/id/41136935...ews-education/>

É mencionado que os estudantes que não se socializaram acabaram obtendo melhores resultados:

Students who studied alone, read and wrote more, attended more selective schools and majored in traditional arts and sciences majors posted greater learning gains.

Mas é claro que as escolas não ajudam a desenvolver habilidades de pensamento crítico, então nada do que foi comentado surpreende. Elas só servem pra gastar dinheiro mesmo, tornando você um escravo do sistema, e se tiver a sorte de memorizar todo o lixo que te é empurrado garganta abaixo você ganha um "pedaço de papel" que te permitirá arranjar um emprego que você odeia.

O negócio é que jamais deveríamos CONFIAR no que diz toda e qualquer tipo de mídia. 😊

Pois o interesse da mídia é um só: lucro.

E para obter esse lucro eles passam por cima da Verdade.

Está mais do que provado que o sistema atual é cheio de armações e não beneficia ninguém.

E a gente já pode tirar uma lição sobre ÉTICA nisso tudo: quando foi que os jornalistas, entrevistadores, apresentadores, etc, foram lá REALMENTE ouvir a OUTRA PARTE?

A "gloriosa" imprensa jamais teve a DIGNIDADE PROFISSIONAL de CONFRONTAR o que disse esse cara aí (do MEC?) no final da matéria. É só uma pequena nota aqui, outra lá...

Ao meu ver, a função do jornalista não é servir aos interesses econômicos dos conglomerados onde trabalha. Nem seguir esta ou aquela linha filosófica ou política.

A função do jornalista é buscar a Verdade. 🐕

Por exemplo, quando a polícia dá a sua VERSÃO, cabe ao jornalista ouvir O OUTRO LADO.

Assim, jornais, TVs, rádio, etc, passam a ser GRUPO DE LINCHADORES, promovendo perseguições, fomentando tortura psicológica, agressões, pré-julgamentos, DESTROÇANDO FAMÍLIAS e principalmente inculcando o MEDO no coração da audiência.

Porque nós passamos a TER MEDO da TV, o jornal, tudo. Eles não querem, mas sob NENHUMA HIPÓTESE, que tenhamos a versão DO OUTRO LADO.


Pois não é do interesse de emissora NENHUMA ter a contra-parte divulgada. Aí deixam a palavra final com quem?

Se isso acontece, as pessoas começam a PENSAR pois tem material de comparação...

E a mídia não quer que vocês pensem.

A mídia quer que vocês OBEDEÇAM e CALEM SUAS BOCAS! 🐕

Que vocês ACEITEM SEM DUVIDAR do que lhes é dito e, assim, a mídia como um todo se transforma no Quinto Poder que governa MUITO MAIS do que o Brasil.

Governa NOSSAS MENTES, manda em NOSSOS CORAÇÕES e nos diz o que vestir, o que consumir, o que comprar, O QUE SONHAR! 



Por acreditar que a educação vai além das disciplinas, a família Keller opta por educar as filhas em casa

Illegal no País, educação domiciliar põe adeptos como criminosos

Precariedade do ensino público, drogas, imposição de ideologias, doutrinas dos professores e até mesmo o medo de bullying são alguns dos motivos que levam pais a tomar a decisão de transformar a sala de estar de suas casas em sala de aula para seus filhos. A prática, conhecida como educação domiciliar, ou *homescholling* em inglês, não é regularizada no Brasil, porém estimativas da Associação Nacional da Educação Domiciliar (ANED) apontam que pelo menos 400 famílias optam por esta modalidade de ensino no País.

Os dados são de Fabio Schebella, professor, diretor pedagógico da ANED e escritor do blog *Por uma Aprendizagem Natural*, que traz informações sobre a prática e dá um espaço virtual de discussão sobre a temática. Segundo Schebella, a falta de regularização desta modalidade no País coloca os pais ou responsáveis em risco. Se denunciados ao Conselho Tutelar, podem responder ao Ministério Público por "evasão escolar", termo que designa o abandono da escola por parte de menores e é considerado crime, punido com detenção.

É o caso de uma família de Serra Negra, interior de São Paulo, que foi denunciada ao Conselho Tutelar, por optar pela educação domiciliar como forma de educar as filhas de 9 e 11 anos de idade. O pai, americano, e a mãe, brasileira, tomaram essa decisão por terem considerado a qualidade de ensino do colégio baixa. Para eles, a escola brasileira acarretaria atraso para as duas filhas, que passaram seis anos frequentando escolas americanas. No final do ano passado, os dois responsáveis se tornaram alvos do Conselho Tutelar e do Ministério Público Estadual da cidade, que exigem que eles cumpram o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), matriculando as duas crianças em escola regular.

Apesar dos riscos, as estimativas da ANED comprovam que muitos responsáveis optam pelo homescholling mesmo assim. Para Schebella, os principais motivos são insatisfação com a qualidade do ensino escolar, principalmente o público, convicção de que os pais devem estar à frente da instrução de seus filhos em todos os aspectos, desejo de oferecer uma educação que esteja de acordo com seus princípios morais,

éticos e espirituais e a vontade de proteger seus filhos de drogas e violência, como o bullying por exemplo.

O que impulsionou Keller Tinoco, 37 anos, empresário em Belo Horizonte, a educar as filhas Milena, 13 anos, e Micaella, 10 anos, em casa foi o fato de acreditar que a educação vai além do ensino de disciplinas. "Acreditamos em uma educação que seja integral, na qual o foco está não apenas no desenvolvimento intelectual dos filhos, mas também no espiritual, emocional e físico. E nesse aspecto a escola é limitada. Além disso, a proposta pedagógica e didática dos colégios é massificante, como uma produção em escala que não busca individualizar o ensino", explica.

O empresário começou a fazer papel de professor há um ano, e, segundo ele, as filhas tem adorado o novo tipo de ensino. "Acordamos entre 7h e 7h30. Tomamos nosso café juntos à mesa e na sequência temos um tempo de reflexão bíblica e orações. Então, por volta das 9h, elas fazem uma leitura complementar do tema bíblico abordado e logo pegam os materiais das disciplinas curriculares de acordo com o nosso cronograma. Elas tem uma hora e meia para almoço e depois continuam estudando até às 17h", diz, contando que os conteúdos são extraídos de matérias didáticos disponíveis no mercado.

A professora mineira Laura*, 35 anos, também optou por educar os filhos Marina, 11, e Lucas, 9. A ideia surgiu e foi colocada em prática este ano, depois de observar que drogas e prostituição estavam se tornando coisas comuns nas redes de ensino, segundo ela. Laura comenta que muitos críticos consideram que este tipo de aprendizado pode privar a criança de uma vida social. "Isso é uma inverdade, pois é possível criar laços de amizade fora do colégio. Meus filhos frequentam clubes e fazem amigos até mesmo na igreja", conta.

O diretor pedagógico da ANED afirma que este é o maior mito envolvendo educação domiciliar e concorda com a professora.

De acordo com Alexandre Magno, especialista em Direito Penal e defensor do *homescholling*, não existe nada na Constituição do Brasil que proíba a prática efetivamente. Porém outros pontos da legislação podem ser utilizados contra os responsáveis que optam por ensinar seus filhos em casa. O principal deles é a Lei 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que determina ser obrigação dos pais matricular seus filhos na rede regular de ensino. Outra é a Lei 9.394/96, da Diretrizes e Bases da Educação que prevê ser dever dos responsáveis efetuar a matrícula dos menores a partir dos sete anos de idade no Ensino Fundamental.

Segundo consta no Código Penal, qualquer comportamento divergente do que é previsto em lei pode ser considerado crime de abandono intelectual, e a pena pode ser de 15 dias a um mês de detenção ou multa.

Apesar de a legislação dificultar o aprendizado em casa, outras iniciativas acabam por facilitar. Um exemplo é a possibilidade de ingressar no Ensino Superior sem necessitar de uma documentação que comprove a frequência e a presença em aulas do Ensino Fundamental e Médio. Schebella explica que quem é ensinado em casa pode recorrer às provas do supletivo ou ainda ao Enem, que também confere certificação de conclusão do Ensino Médio para qualquer um que obtenha nota satisfatória. E no caso de um estudante domiciliar do Ensino Fundamental que deseje completar o Ensino Médio em alguma escola, a Lei de Diretrizes de Base (LDB) prevê que todo cidadão tem o direito de ser matriculado em uma série compatível com seu conhecimento.

Ou seja, o aluno domiciliar não precisaria comprovar matrícula prévia, sendo inserido no ano equivalente a sua noção de conteúdos.

Magno e Schebella defendem a regulamentação do ensino domiciliar, que já tramita na Câmara, desde 2008, com o Projeto de Lei número 3518/08, que atualmente espera aprovação da Comissão da Educação e Cultura (CEC). Para Magno o *homescholling* seria uma alternativa à "falência da educação no Brasil", como definiu.

Schebella considera o ato como algo interessante politicamente. "Uma vez que este assunto ganhe visibilidade e seja debatido de forma séria e consistente, tenho certeza de que a regulamentação legal irá ocorrer a passos largos. Afinal, isso é interessante para os pais, que terão garantido esse direito, para as crianças, que receberão uma educação de qualidade, para as escolas, que terão uma diminuição do número de alunos em sala de aula, qualificando o ensino, para os educadores, que terão um novo ramo de

atuação como orientadores pedagógicos dos pais, e para a economia do país, uma vez que surgirá um novo nicho de mercado", conclui.

** O nome foi trocado a pedido da entrevistada*

Fonte

Se o Estado é assim tão eficiente, as escolas particulares/privadas deveriam ser proibidas...

Na escola pública (ou melhor, na escola, a particular não foge destes conceitos), o estudante aprende sobre:

- bullying
- condições terríveis das instalações
- tráfico e consumo de drogas
- como passar no vestibular, pois ensino mesmo não existe...

E eu localizei o tal PL de 2008 que pelo que vi em primeira oportunidade (2009) teve um parecer pedindo a rejeição de uma dePUTAda aí que usou a mesma argumentação rasa da "socialização" das escolas...

http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_...asp?id=398589

Aí o deputado que entrou com o PL:

http://www.camara.gov.br/internet/de_...asp?id=520015

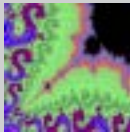
Última edição por Truman : 13-04-2011 às 18:23

10-04-2011 13:54

#16

APPDNails

Membro



Tem que ver isso ae
Registro: Dec 2007
Mensagens: 2.448
Verdinhas: 556



Mas se eu educo meu filho em casa e coloco ele em um ou outro curso que proporciona o convívio social? Sei lá, alguma arte marcial ou teatro.

Afinal, se eu não pudesse pagar uma escola particular, e não houvesse nenhuma escola pública decente (com vagas) na minha cidade, eu jamais enfiaria meu filho em um ambiente escolar decadente.



12-04-2011 21:34

#17

SDF

Membro



Registro: Sep 2001
Mensagens: 6.997



Seria até engraçado em um mundo individualista ao extremo, adotar essa de escola em casa. Os mutantes sociais que surgiriam simplesmente não faz da coisa algo aconselhável.

Se hoje os caras não saem do condomínio imagina cortando a escola. haha Investir em educação eficaz nada né, individualiza a solução que resolve. Faz me rir.

Verdinhas: 949

"...nenhuma sociedade suportaria os efeitos de um tal sistema de GROSSEIRAS FICÇÕES, mesmo por um período muito curto."

Karl Polanyi - sobre a economia de mercado. Era um gênio, o livro é de 1944.😱



13-04-2011 16:10

#18

lorek Byrnison

Membro



Registro: Jun 2003
Mensagens: 7.704
Verdinhas: 96



Citando Colher

Home Schooling pode até fazer com que seus filhos aprendam as matérias que se ensina nas escolas normais, mas não ensina o mais importante que se aprende nesses lugares: convívio social.

👍 close topic.

Nego vai crescer mais nerdão ainda, sem malícia social nenhuma. (aka, outros aproveitarão destes na vida profissional, não importa o quão foda eles tenham estudado)

MMRrreeéééééeeehhhh



17-04-2011 11:32

#19

Truman

Membro

Autor do tópico



THE END.
Registro: May 2008
Mensagens: 4.825
Verdinhas: 510



Citando lorek Byrnison

👍 close topic.

Nego vai crescer mais nerdão ainda, sem malícia social nenhuma. (aka, outros aproveitarão destes na vida profissional, não importa o quão foda eles tenham estudado)

Aquela família brasileira que navegou no mundo num veleiro por 20 anos (Schurmann, se não me engano) não educou os filhos totalmente dentro do barco? E quem duvida que não se tornaram pessoas mais bem preparadas (tanto intelectualmente quanto humanamente/socialmente) que muitos de nós? 😊

Citando SDF

Seria até engraçado em um mundo individualista ao extremo, adotar essa de escola em casa. Os mutantes sociais que surgiram simplesmente não faz da coisa algo aconselhavel.

Se hoje os caras não saem do condominio imagina cortando a escola. haha Investir em educação eficaz nada né, individualiza a solução que resolve. Faz me rir.

É uma tremenda ignorância achar que os pais são criminosos simplesmente por não querer educar os filhos na escola. Infelizmente nossa realidade é a de que quando os pais fazem isso (na maioria das vezes) é porque querem os filhos trabalhando (no sinal ou nas ruas por exemplo) para arrecadar migalhas para a renda de casa. Ou pior, não querem mesmo se dar ao trabalho de assumir as co-responsabilidades de ter um filho na escola, e/ou arcar com os custos associados a isso (material escolar, transporte, etc...).

Na nossa realidade brasileira, existe mesmo é uma minoria absoluta de famílias preparadas financeiramente, e intelectualmente, para assumir o papel de professores dos seus próprios filhos.

Existe um erro de conceito básico aqui neste país. Considera-se que educação é o que a criança deve

receber numa escola, ao passo que o certo é identificar isso como "eventual conhecimento". 🤖

Quem deve passar a educação são os pais mesmo: como ser um cidadão, como se portar perante as outras pessoas, princípios básicos de leis e normas, acesso a outros conhecimentos não disponibilizados na escola, etc..

O que se vê por aqui (e até em outros países desenvolvidos) é uma confusão de considerar que os professores são os responsáveis pela educação das pessoas, enquanto crianças. 🤖

Qualquer pessoa com mínima noção discorda radicalmente disso, e esta filosofia é o que provoca a meu ver as mais diversas tragédias envolvendo crianças e jovens.

Eles simplesmente **NÃO SÃO EDUCADOS**. Recebem conhecimento, apenas, dos professores, conforme a grade curricular das respectivas séries em que se encontram e só. E os pais acham que isso é suficiente, pois a grande verdade é que mais de 70% das pessoas simplesmente **NÃO ESTÃO PREPARADAS PARA SEREM PAIS**, e consequentemente não sabem **EDUCAR** uma criança.

Como nosso mundo de hoje é radicalmente mais complexo e aberto do que na época dos nossos avós (e até nossos pais), um pai e uma mãe de hoje tem que naturalmente se sentirem engajados a passar para a criança a realidade do mundo em que ela está inserida. Professor nenhum faz isso porque em escola

nenhuma (pública ou particular) isso faz parte da "grade curricular"... 🤖

E a maioria dos pais sequer sabem direito o mundo em que estão, e muitas vezes sequer podem educar seus filhos pelo exemplo.

A educação no Brasil seria caso de emergência nacional, se tivéssemos uma sociedade e um governo com vergonha na cara para admitir isso. Ninguém no Brasil quer saber de alternativas como estas (de ensino domiciliar) que possam fornecer educação ou mesmo segurança pública de qualidade, porque temos "bons pensantes" que acham que o país deve se orgulhar de seu atraso terceiro mundista e suas "saídas e soluções intuitivas". Infelizmente, o elogio ao idiota iluminado no poder é forte no Brasil.

E sem tratar este tema como algo tão urgente quanto uma guerra, chegaremos a 2050 MUITO PIORES do que estamos hoje, e problemas de drogas e Realengos serão mais frequentes nesse país entre os jovens, infelizmente...

18-04-2011 0:49

#20

K!ller X

Membro

Registro: Dec 2002
Mensagens: 2.444
Verdinhas: 0



concordo 😊

[AltCorp|K!ller X](#) - ALT clan UT99

|KmK|K!llerX - UT2k4 🤖

("As pessoas boas devem amar seus inimigos") by Alguém do programa do Chaves 🤖🤖

UIN: 152528335 🤖

18-04-2011 1:04

#21

SDF

Membro



Registro: Sep 2001
Mensagens: 6.997
Verdinhas: 949

Citando Truman

Aquela família brasileira que navegou no mundo num veleiro por 20 anos (Schurmann, se não me engano) não educou os filhos totalmente dentro do barco? E quem duvida que não se tornaram pessoas mais bem preparadas (tanto intelectual quanto humanamente/socialmente) que muitos de nós? 😊

É uma tremenda ignorância achar que os pais são criminosos simplesmente por não querer educar os filhos na escola. Infelizmente nossa realidade é a de que quando os pais fazem isso (na maioria das vezes) é porque querem os filhos trabalhando (no sinal ou nas ruas por exemplo) para arrecadar migalhas para a renda de casa. Ou pior, não querem mesmo se dar ao trabalho de assumir as co-responsabilidades de ter um filho na escola, e/ou arcar com os custos associados a isso (material escolar, transporte, etc...).

Na nossa realidade brasileira, existe mesmo é uma minoria absoluta de famílias preparadas financeiramente, e intelectualmente, para assumir o papel de professores dos seus próprios filhos.

Existe um erro de conceito básico aqui neste país. Considera-se que educação é o que a criança deve receber numa escola, ao passo que o certo é identificar isso como "eventual conhecimento". 🇧🇷

Quem deve passar a educação são os pais mesmo: como ser um cidadão, como se portar perante as outras pessoas, princípios básicos de leis e normas, acesso a outros conhecimentos não disponibilizados na escola, etc..

O que se vê por aqui (e até em outros países desenvolvidos) é uma confusão de considerar que os professores são os responsáveis pela educação das pessoas, enquanto crianças. 🇧🇷

Qualquer pessoa com mínima noção discorda radicalmente disso, e esta filosofia é o que provoca a meu ver as mais diversas tragédias envolvendo crianças e jovens.

*Eles simplesmente **NÃO SÃO EDUCADOS**. Recebem conhecimento, apenas, dos professores, conforme a grade curricular das respectivas séries em que se encontram e só. E os pais acham que isso é suficiente, pois a grande verdade é que mais de 70% das pessoas simplesmente **NÃO ESTÃO PREPARADAS PARA SEREM PAIS**, e consequentemente não sabem **EDUCAR** uma criança.*

Como nosso mundo de hoje é radicalmente mais complexo e aberto do que na época dos nossos avós (e até nossos pais), um pai e uma mãe de hoje tem que naturalmente se sentirem engajados a passar para a criança a realidade do mundo em que ela está inserida. Professor nenhum faz isso porque em escola

nenhuma (pública ou particular) isso faz parte da "grade curricular"... 🇧🇷

E a maioria dos pais sequer sabem direito o mundo em que estão, e muitas vezes sequer podem educar seus filhos pelo exemplo.

A educação no Brasil seria caso de emergência nacional, se tivéssemos uma sociedade e um governo com vergonha na cara para admitir isso. Ninguém no Brasil quer saber de alternativas como estas (de ensino domiciliar) que possam fornecer educação ou mesmo segurança pública de qualidade, porque temos "bons pensantes" que acham que o país deve se orgulhar de seu atraso terceiro mundista e suas "saídas e soluções intuitivas". Infelizmente, o elogio ao idiota iluminado no poder é forte no Brasil.

E sem tratar este tema como algo tão urgente quanto uma guerra, chegaremos a 2050 MUITO PIORES do que estamos hoje, e problemas de drogas e Realengos serão mais frequentes nesse país entre os jovens, infelizmente...

Apenas não faz sentido punir quem adota isso. Só.

De resto, ou voce é algum tipo de socialista, anarquista, ou então é apenas bobo. Pq não poderá, jamais, nesta sociedade, do trabalho, da mercadoria, dinheiro e consumo, querer que os pais sejam os professores dos filhos. Em parte vc mesmo indicou os problemas, os pais não sabem nada, acham que sabem quando muito. Mas, mesmo que soubessem, esta cada vez mais complicado arrumar tempo para qualquer outra coisa. O trabalho toma todo o tempo da pessoa, portanto neste sistema não tem como. Prefiro uma ampla reforma na educação formal que ficar discutindo isso.

"...nenhuma sociedade suportaria os efeitos de um tal sistema de GROSSEIRAS FICÇÕES, mesmo por um período muito curto."

Karl Polanyi - sobre a economia de mercado. Era um gênio, o livro é de 1944. 🇧🇷



THE END.
Registro: May 2008
Mensagens: 4.825
Verdinhas: 510

<http://www.school-survival.net/>

Esse surpreendeu pela quantidade de discussões...

Lamentavelmente o movimento anti-escola não vai pegar aqui, já que, por óbvio, o brasileiro não tem cultura para isto, tão pouco especialistas pra discutir tal questão e muito menos vontade por parte da sociedade e/ou dos nossos "nobres" políticos. Diferentemente dos Estados Unidos e Europa.

Aqui se não matricular seu filho na escola, cedo ou tarde poderá arrumar problemas com a justiça, como em alguns casos de pais que aventuraram-se a fazer isto e quase foram em cana.

A mentalidade vigente é que é mais interessante constituir uma prole com 10 filhos ou até mais e meio que direcionar todos ao mundo do crime, afinal compensa muito mais roubar ou passar a perna em alguém de alguma forma do que trabalhar sério no Brasil. Ainda mais agora com a bolsa de R\$ 862,11, chamada de auxílio-reclusão. Multiplicando esse valor por 10 manda-se o homeschooling pra casa do...



E a mídia como é vendida e interesseira iria querer meter o pau em cima promovendo campanhas do tipo "Lugar de Criança é na Escola!", com personagens caricatos praticantes desse negócio em novelas e até em programas sensacionalistas se metendo nisso.

De qualquer forma, não é preciso circular muito para sacar que a instituição "Escola" em si não é muito diferente disto:



Com as diferenças se restringindo só à qualidade do coxo e da ração, já que o sistema básico é o mesmo.

Grande parte dos textos dão a entender que, paralelamente ao ensino em casa, também defendem uma reforma geral do sistema, já que temos professores e ex-professores se manifestando nestes referidos artigos.

Mas é lógico que uma reforma geral, ampla e irrestrita nesta área, que não se resuma a um simples mudar carteiras de lugar e sim a uma revolução de pensamento, são quase que utópicas.



03-05-2011 11:57

#25

Darktag

Membro



Doe sangue.
Registro: Aug 2004
Mensagens: 12.772
Verdinhas: 820



"Por acreditar que a educação vai além das disciplinas, a família Keller opta por educar as filhas em casa"

Frase contraditória. Por acreditar que educação vai além das disciplinas é que as filhas teriam de ir à escola. O pais devem dar educação social aos filhos e estes colocarão em prática na escola. Os filhos receberão informações sobre diversos assuntos na escola e vão solidificar esses assuntos estudando em casa com auxílio dos pais. Logo, acreditar que educação é via de mão única é uma tolice.

Convívio social escolar > convívio social de qualquer curso específico como artes, lutas etc.

 Truman.

Sou doador de sangue. Seja um você também 😊